

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO SOCIOECONÔMICO – CSE
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS – CNM

JONATHAN SIEBAUER

RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA *TEORIA*
HEARTLAND

Florianópolis

2019

JONATHAN SIEBAUER

**RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA *TEORIA*
*HEARTLAND***

Monografia submetida ao curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Fred Leite Siqueira Campos.

Florianópolis

2019

Jonathan Siebauer

**RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA *TEORIA*
*HEARTLAND***

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,0 ao aluno Jonathan Siebauer na disciplina CNM 7280 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fred Leite Siqueira Campos.
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Daniel Ricardo Castelan
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Jaime Cesar Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao Curso de Relações Internacionais da
Universidade Federal de Santa Catarina, e às
pessoas com quem convivi nesses espaços ao
longo destes anos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família, que, ainda distante, me deu apoio para continuar, e à minha namorada e companheira, Gabriela Giehl de Lima, que me deu suporte, cumplicidade, auxílio e ternura durante os momentos que mais precisei.

Gostaria de agradecer ao professor Fred Leite Siqueira Campos, que me deu orientação e auxílio, juntamente com uma boa dose de paciência, fazendo possível a produção deste trabalho.

Também gostaria de agradecer aos amigos que fiz durante o curso de minha graduação, pelo tempo que passamos juntos, pela camaradagem e pois sem eles a graça das experiências vividas durante este capítulo da minha vida seria mínima.

Por fim, gostaria de agradecer ao corpo docente e aos funcionários do curso de Relações Internacionais e da UFSC, por me guiarem, auxiliarem e por terem me mostrado o valor do conhecimento acadêmico.

“Eu não sou um produto das minhas circunstâncias, eu sou um produto de minhas decisões”.

- Corvey, Stephen R.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TEORIA DO <i>HEARTLAND</i>	14
3 ÁSIA CENTRAL E SEUS RESPECTIVOS INTEGRANTES	19
3.1 GEOGRAFIA LOCAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL.....	19
3.2 ECONOMIA REGIONAL.....	24
3.3 ERA PÓS-URSS	27
4 RÚSSIA E A ÁSIA CENTRAL	30
4.1 INTERESSE (GEO)POLÍTICO	30
4.2 VIÉS ECONÔMICO	37
4.3 QUESTÃO CULTURAL E ÉTNICA	40
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO	44
6 CONCLUSÃO	49
7 REFERÊNCIAS	52

SIEBAUER, Jonathan. **RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL: UMA ANÁLISE PELO VIÉS DA TEORIA DO HEARTLAND**. 2019. Monografia – Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

RESUMO

A Federação Russa e a Ásia Central dividiram a mesma bandeira por muitos anos, criando um contato de níveis profundos para ambos. Após a queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, porém, a Ásia Central se dividiu, criando nações independentes, as quais começaram a criar um caráter individual, cada qual com características únicas. Manteve-se, contudo, uma diversidade de recursos pouco explorados nos países agora independentes, variando de minérios como ouro até urânio, e uma geografia de caráter único e notável. Este trabalho buscará analisar a interação entre a então Federação Russa para com a Ásia Central, usando de pesquisa bibliográfica por meio de notícias, artigos e do arcabouço da *Teoria do Heartland*, de John Halford Mackinder, que visa afirmar a importância geográfica e histórica da área compreendida pela Ásia Central, para analisar os meios e as ações que a Rússia utiliza para exercer sua influência ante aquela região, variando desde questões históricas e culturais até influência por meio de tratados e acordos militares. Verificou-se que, atualmente, as relações entre a Rússia e a Ásia Central se mantêm intensas, seja por meio de investimentos diretos, com empréstimos e inserções diretas de capital, por parte da Rússia; ou por meio de participação conjunta, de empresas russas e empresas centro-asiáticas cooperando, mas, todas possuem o mesmo viés pela busca russa em manter sua influência ante a região centro-asiática. Tais relações demonstram consonância entre a construção teórica da *Teoria do Heartland* e as ações russas, pois, demonstram o reconhecimento da importância daquela área em relação às políticas russas.

Palavras-chave: Rússia, Ásia Central. *Teoria Heartland*.

SIEBAUER, Jonathan. **RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL: UMA ANÁLISE PELO VIÉS DA TEORIA DO HEARTLAND**. 2019. Monografia – Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ABSTRACT

Russian Federation and Central Asia have shared the same flag for many years, creating a deep connection between both of them. After the fall of the Union of Soviet Socialist Republics, however, Central Asia has divided itself, giving birth to many independent nations, which started creating their own individual character, each with its own unique characteristics. Nonetheless, the diversity of unexplored resources were maintained in the now free countries, varying from gold to uranium, and a geographical character, which also was unique and notable. This research will analyze the interaction between the now Russian Federation and Central Asia, using news, articles, and the framework of John Halford Mackinder's Heartland Theory, which displays the significance of Central Asia role in geographical and historical terms, as bibliographical research, to analyze by which means and actions does Russia abide to exercise its influence on that region, varying from historical and cultural affinity to treaties and agreements regarding the military. It has been noted that the current relations between Russia and Central Asia are kept intense, be it in terms of direct investment, with loans and foreign direct investments lead by Russia, or conjoint participation, with cooperation between Russia's and central-Asian firms, but all of those still have the same Russian bias in seeking to keep its own influence on the central-Asian region. Such relations show the concord between the theoretical view of the Heartland Theory and Russian actions, whereas such actions demonstrate the recognition of the significance of that area for Russia's politics.

Key words: Central Asia. Heartland. Russia. Influence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Comparação entre a área original e área atualizada do Heartland	15
Figura 2- O <i>Inner Circle</i> e o Heartland	16
Figura 3- Estágios do Heartland	18
Figura 4- Mapa da Ásia Central, seus respectivos países e seus vizinhos.....	19
Figura 5- Mapa das regiões climáticas da Ásia Central	20
Figura 6- Moradia típica dos povos da Ásia Central	24
Figura 7- Mapa da Densidade Populacional na Ásia Central	25
Figura 8- Mapa da Disponibilidade de Recursos Naturais na Região	26
Figura 9- C-17 sendo abastecido na Base de Manas	32
Figura 10- Gráfico das principais exportações russas para os respectivos países da Ásia Central em 2010	37
Figura 11- Tabela de habitantes russos nos países da Ásia Central de 1959-2000	42

1. INTRODUÇÃO

A região conhecida como Ásia Central se situa no centro do supercontinente conhecido como Eurásia, cujos integrantes variaram ao longo da história, devido aos seus aspectos culturais e políticos. Embora as características entre os povos que habitavam a região fossem semelhantes, suas diferenças transpareciam, de modo que não houvesse a homogeneização populacional do local.

A Ásia Central detém divisas com uma característica um tanto quanto peculiar em termos geopolíticos. Uma vez que países como Rússia fazem divisa direta com outros países da região, facilita-se o contato dessa potência com Cazaquistão, República Quirguiz, Tadjiquistão, Turcomenistão e o Uzbequistão, respectivamente. Será salientado ainda, que a Ásia Central teve grande importância em tempos passados devido à sua localização, pois ao formar uma conexão de rotas e caminhos por boa parte de sua extensão, denominada *Rota da Seda*, possibilitou o comércio entre o Oriente e o Ocidente, acarretando prosperidade, em termos comerciais, e contribuindo na difusão de culturas entre indivíduos que ali passavam e viviam.

Outra peculiaridade da região a ser explorada no trabalho, consiste nos seus vastos recursos energéticos e minerais, como petróleo, lítio e urânio, cujas reservas permitem que a região se destaque no que tange os recursos naturais importantes. Deve-se, porém, levar em conta que tal destaque pode ser considerado um problema, uma vez que o território desponta ante materiais de grande importância energética e bélica, bem como com a baixa densidade demográfica, formando-se um caráter único, instigando interesses de diversos países, tanto os que estão mais próximos geograficamente, como a Federação Rússia e, tal como os que não estão tão próximos, como os Estados Unidos da América.

A questão geopolítica será evidenciada, também, ao analisar a localização da Ásia Central, uma vez que esta encontra-se no centro da Eurásia, permitindo o acesso terrestre entre dois continentes, Ásia e Europa, e de todos países perimetrais da região. Tal acesso também leva em consideração os recursos naturais, implicando num controle não só de uma área terrestre, mas também de bens que possuem valor para países de ambos continentes, como petróleo e gás natural, ambos de suma importância para diversos países vizinhos.

Tal potencial de influência corrobora com a ideia de John Halford Mackinder ante sua Teoria do Heartland, que coloca a Ásia Central como “O Pivô Central da História”.

Sendo assim, o trabalho será dividido em quatro capítulos, em que apresentará uma análise reportando-se em pesquisa de cunho bibliográfico, predisposto da seguinte maneira: a primeira parte do desenvolvimento terá como princípio analisar a teoria proposta por John

Halford Mackinder. A segunda buscará analisar e contextualizar a região conhecida como Ásia Central e sua formação cultura como um todo. A terceira e a quarta parte apresentarão de quais modos a Rússia usa para influir e interagir com a região e quais consequências tais ações tiveram, seguindo como tais ações se ligam com a teoria de Mackinder. A última parte buscará, então, concluir o raciocínio que liga as ações russas com a teoria de Mackinder.

1.1. OBJETIVO GERAL

A presente pesquisa tem por objetivo demonstrar os meios utilizados pela Rússia para estabelecer suas respectivas influências sobre a Ásia Central, evidenciando a importância do caráter geopolítico da região, de seus recursos e de suas fronteiras, reiterando a teoria do *Heartland*.

1.2 JUSTIFICATIVA

É inegável que na história mundial a Rússia, em todos os seus estágios, sempre foi acompanhada de sua forte presença nos mais variados campos de ação, desde o meio comercial, onde se mostra como um grande mercado exportador e importador, no meio político, buscando estabelecer maiores vínculos para atingir seus interesses por meio de acordos e tratados, no meio militar, buscando usar de força para assegurar sua soberania e defesa de seus aliados, e também no meio tecnológico, com a criação de inovações que impactaram o meio científico, com o acelerador de partículas Nuclotron e diversos elementos químicos, tão bem como o meio militar, com a criação do tanque de guerra *T-14 Armata*.

Os vários marcos da história russa mostram, então, que o desenvolvimento daquela nação possui diversos pontos que colocam ela como uma potência global com características fortes o suficiente para se equiparar com todas os outros países que detêm tal status. Tal conjuntura também auxilia a Federação Russa a expandir seus respectivos meios de influência para o mundo, assim propiciando ainda mais sua força como alcance global. Desse modo, a vasta gama de capacidades e realizações russas de grande impacto trouxe ainda mais atenção, por parte da comunidade internacional, às ações russas.

Um dos pontos que mais trouxe atenção ante a atuação russa no meio global se dá em relação à interação russa com as antigas repúblicas soviéticas, uma vez que as agora nações independentes já fizeram parte do território, da história e da cultura russa em momentos que antecedem até mesmo a criação da União das Repúblicas Soviéticas. Uma das áreas que se

encaixa nesse quesito é conhecida como Ásia Central, composta por 5 países que, em devido momentos, fizeram parte do domínio do Império Russo na região.

A Ásia Central, por sua vez, possui um grande potencial de recursos que possui capacidade de impactar o cenário mundial, variando de minérios como urânio e ouro, por exemplo, até grandes reservas de gás natural, que, por meio de gasodutos, ajudam a suprir a necessidade de tal artigo de outras nações. Os pontos geográficos daquela região também a tornam única e, segundo John Halford Mackinder, promovem uma defesa natural em relação a invasores, auxiliando em sua proteção. Outro ponto que também deve ser notado ante a Ásia Central é que todos os países daquela região tiveram suas independências declaradas em 1991, após a queda da URSS, fazendo com que eles sejam atores relativamente novos no meio internacional, tornando-os um alvo para o interesse de outras nações já estabelecidas. A região é, então, importante tanto seu próprio meio quanto para o meio global, uma vez que possui recursos de importância global e uma geografia única.

As intenções da Federação Russa, no período pós-URSS, ante a Ásia Central devem, portanto, ser analisadas de forma a traçar um possível paralelo entre os interesses russos naquela região e a Teoria do Heartland, proposta por John Halford Mackinder, buscando compreender o modo de ação que a nação russa pode tomar para com a Ásia Central.

1.3 MÉTODO

A pesquisa terá um caráter qualitativo, buscando reunir e analisar informações relacionadas ao tema proposto, se utilizando da pesquisa bibliográfica em relação aos materiais já publicados que possuem contato com o tema. De modo a fazer a redução e simplificação dos dados, a apresentação e a conclusão de tais pontos, conforme o exposto por Gil (2008, p.175).

O trabalho se dará por meio do método dedutivo, uma vez que conta com observação da *Teoria do Heartland* em relação às ações por parte do agente principal da pesquisa, a Federação Russa. O trabalho também terá caráter descritivo explicativo, pois buscará expor os pontos centrais que formam o tema da pesquisa, discorrendo sobre a teoria de John Halford Mackinder, sobre a Ásia Central e sobre as ações russas, bem como buscará de compreender a natureza das relações entre tais fatores para justificar o tema, de modo a esmiuçar modos e efeitos que tais fatores promoveram em relação ao tema da pesquisa.

Gil (2002, p.54) descreve que “[o estudo de caso] é encarado como o delineamento mais adequado para um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real”, portanto, pode-se também atribuir à pesquisa a condição de estudo de caso, uma vez que partiremos da análise de

casos específicos, a *Teoria do Heartland* e as ações russas, para atingirmos o objetivo primário, de comparação e da possível convergência ante estes dois pontos, desta pesquisa.

Dessa forma, será feita, primeiramente, uma análise da *Teoria do Heartland* e suas principais características, buscando compreender o ideário de John Halford Mackinder, seu autor. Para isso utilizaremos dos livros e artigos publicados por Mackinder. Para tanto será utilizada uma pesquisa descritiva, buscando determinar seus principais pontos desta teoria e analisar suas nuances, e uma leitura analítica, possibilitando assim uma “ordenar e sumariar as informações contidas na fonte”, como coloca Gil (2002.p.78).

Em seguida faremos um reconhecimento sobre a região que conhecemos como Ásia Central, para tal será utilizando mapas, artigos e pesquisas como base dados, buscando denotar suas questões geográficas, sua base econômica e sua integração cultural. Tal análise será feita por meio de uma leitura analítica, buscando demonstrar os fatores atuais da dos países daquela região.

A terceira parte do trabalho se dará por meio de leitura analítica de meios de informação, principalmente notícias, que buscam retratar a interação entre a Federação Russa e a Ásia Central de modo a permitir a compreensão da dinâmica entre as duas partes.

A penúltima parte buscará, então, analisar e elencar os pontos da teoria do Heartland com as ações russas, utilizando de do caráter analítico e explicativo para promover tal comparação entre as atividades russas, como a participação em tratados e acordos, e o ideário teórico de Mackinder.

A conclusão terá caráter explicativo, buscando traçar uma linha seguida tanto pelas ações russas ante a Ásia Central e como pela Teoria do Heartland proposta por Mackinder, buscando “identificar e aprofundar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de tal fenômeno”, como propõe Gil (2002, p.42).

2. TEORIA DO *HEARTLAND*

John Halford Mackinder propôs, em 1904, a teoria de que existiria um “pivô geográfico da história”. Essa teoria baseava-se na ideia de que o poder terrestre seria superior ao poder naval. A teoria também implicava que uma grande área detentora de recursos naturais abundantes e protegida por uma vasta zona de terra, capazes de auxiliar na defesa de invasores, seria o *Heartland* (Figura 1), o “Pivô geográfico da história¹”. Tais características, argumentava Mackinder, forneceriam poder e recursos suficientes para que aquele que controlasse a região se tornasse um império mundial. A região então conhecida como Ásia Central passou a ser chamada por Mackinder de *Heartland*, uma vez que o autor da teoria argumentou que aquela área do continente eurasiático, onde se encontra a Ásia Central, seria esse o tal “pivô”, visto que as variedades de biomas, recursos naturais abundantes que poderiam suprir a necessidade industrial de qualquer país, os terrenos acidentados e a incapacidade de invasores povoarem a região de forma concisa.

Deve ser levado em consideração que na época em que sua teoria foi publicada, Mackinder via a força marítima da Grã-Bretanha reger seu poderio naval ao redor do mundo. O autor buscou demonstrar, então, qual região global poderia fornecer meios e recursos para que a nação que a dominasse pudesse competir ou até mesmo superar os países que então possuíam a hegemonia política global, colocando esta região como uma antítese do poderio naval britânico. As características geográficas são a chave da teoria de Mackinder, uma vez que o autor comenta que o território que ele primeiramente delimitou como *Heartland* possuía vastas planícies que permitiriam o desenvolvimento e exploração, possibilitando até mesmo, segundo o autor, criação de uma rede ferroviária que atenderia toda a necessidade logística daquela região. Outra característica chave é o caráter extremamente terrestre da teoria de Mackinder, uma vez que ela é inalcançável por meios marítimos, promovendo uma proteção diante das potências marítimas que poderiam ameaçar o controle do *Heartland*.

Mackinder também se propõe dar segmento e atualizar sua teoria em seu livro “*Democratic Ideals and Reality: A Classic Work on Geography and World Power*”, publicado em 1919. O autor, neste livro, busca demonstrar aquilo que chama de *World-Island*, um supercontinente que resultaria da união do continente africano, asiático e europeu. O autor afirmava que isso se devia por todos estes continentes estarem interligados por vias terrestres, do mesmo modo que o continente americano seria um só. De modo análogo, Mackinder considerava que os mares que circundavam o globo terrestre eram um só oceano, chamado pelo

¹ Mackinder, John H. “The Geographical Pivot of History”. *The Geographical Journal*. Vol XXIII, No. 4. 1904

autor de *Great-Ocean*. Seguindo o mesmo viés de sua teoria publica em 1904, Mackinder afirma que aquele que controlar o Leste Europeu controlará o Heartland, que por sua vez possibilitaria o controle da *World-Island* e assim abriria margem, segundo o autor, para controlar o mundo².

Mackinder também buscou, nesse livro, responder às críticas ante sua teoria, essas advindas dos resultados da primeira Guerra Mundial, uma vez que a derrota da Alemanha, que então tinha a maioria da sua força baseada em unidades terrestres, perdeu para força marítima promovida pela união dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha³. Para explicar tal acontecimento, Mackinder buscou, então, atualizar o conceito de Heartland. A mudança maior veio na forma de uma repaginação do território que abrangia o Heartland, que antes era todo compreendido pelo então Império Russo, buscando aderir à Armênia, Pérsia, Mar Báltico, Mar Negro e o Danúbio, entre outros. O autor, após essa adesão do Leste Europeu à área denominada como Heartland, buscou sumarizar o pensamento de sua teoria com o dizeres: “Who rules East Europe commands the Heartland. Who rules the Heartland commands the World-Island. Who rules the World-Island commands the World”⁴ (MACKINDER, 1996).

Figura 1 - Comparação entre a área original e área atualizada do *Heartland*



Fonte: https://www.ca-c.org/journal/2005/journal_eng/cac-04/02.megeng.shtml [Editado pelo autor]⁵ (2005).

² Mackinder, Halford, J. *Democratic Ideals and Reality*. 1962.

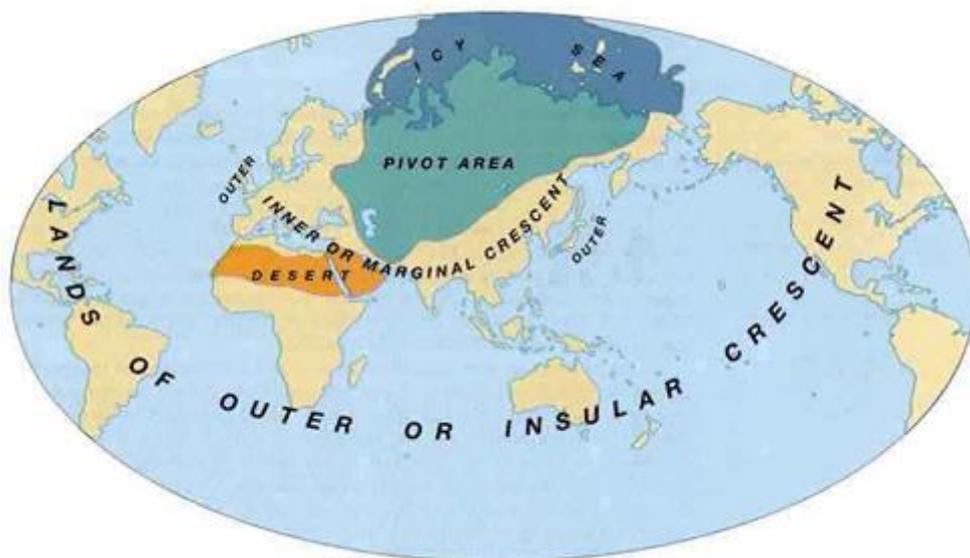
³ MELLO, L. I. A. *Quem tem medo da Geopolítica?* 1999. P. 53

⁴ Aquele que controlar o leste europeu comandará o Heartland, quem controla o Heartland comandará a World-Island. Quem controlar a World-Island comandará o mundo [Tradução do autor]

⁵ Disponível em: <https://www.ca-c.org/journal/2005/journal_eng/cac-04/02.megeng.shtml> Acesso em: 3 nov. 2019.

A adesão desses territórios também propiciou a criação daquilo que Mackinder chamava de *Inner/Marginal Crescent*. Esta nova região seria composta pelos países que estariam ao entorno da área do Pivô que Mackinder propôs em 1904, como Alemanha, Turquia, China e Índia. O autor buscou, com a criação dessa nova área, analisar a importância estratégica da região perimetral ao Heartland, pois ela sofria influência tanto por parte do país que mantinha a hegemonia sobre o Heartland como dos países que detinham o poderio naval da época. A ideia do *Inner Crescent* é servir de que serviria para ‘amortecer’ eventos entre e o Heartland e tudo aquilo que ocorria na *World Island*, pois o acesso à área do Pivô se daria somente pelo *Inner Circle*, uma vez que ao norte o Heartland seria protegido pelas estepes gélida russas e do Oceano Ártico que impediam qualquer acesso marítimo àquela área, enquanto o *Inner Circle* teria acesso marítimo por todos os lados, portanto sendo mais susceptível a influências diretas de por todos os lados.

Imagem 2 – O *Inner Circle* e o Heartland



Fonte: <https://www.young-diplomats.com/theories-lessons-from-mackinder/> [Editado pelo autor]⁶ (2018).

Outro ponto que Mackinder abordou em sua revisão da teoria original foi a adição do *Outer/Insular Crescent*, região que comportaria a África, Austrália, o Continente Americano, a Grã-Bretanha e o Japão. A característica comum entre todas essas regiões é o fato de todas terem um caráter insular ante a Eurásia, como o próprio nome dado pelo autor. Essa região

⁶ Disponível em: <<https://www.young-diplomats.com/theories-lessons-from-mackinder/>> Acesso em 3 nov. 2019

possuía, segundo Mackinder, um poderio marítimo natural, por conta de sua característica insular.

Em 1943, 39 anos após a publicação inicial de sua teoria, Mackinder faz seu último acréscimo a ela. O autor buscou analisar, após quase quatro décadas, as mudanças geográficas e tecnológicas que poderiam influenciar em sua teoria, uma vez que novas capacidades viriam juntamente com os avanços tecnológicos. O acréscimo em seus estudos se deu pela remoção daquilo que Mackinder chamava de Lenaland, região compreendida pelo leste siberiano e que possuía cerca de “três e três quartos de milhões de milhas quadradas”⁷, em homenagem ao rio Lena, sendo este um dos mais longos rios do mundo. Em sua nova análise, Mackinder afirma (1943. p. 598):

A Lenaland russa possui uma área de três milhões e setecentos e cinquenta mil milhas quadradas, mas uma população de apenas seis milhões, dos quais cinco milhões vivem ao longo da ferrovia entre Irkutsk e Vladivostock. No restante deste território existem cerca de três milhas quadradas por cada habitante. Os ricos recursos naturais - madeira, força hídrica e minerais - estão ainda praticamente intocados.

O autor nota que o acesso marítimo que se dá pela costa do Ártico agora é mais viável, uma vez “comboios de navios mercantis, com a assistência de poderosos ‘quebra-gelo’ e com o reconhecimento feito por aviões já promoveram trocar entre os rios Obi, Yenisei e Lena”⁸, porém o autor também reconhece que continuaria sendo difícil invadir aquela região, uma vez que esta possuía influência do círculo polar e com o terreno musgoso da Tundra e da floresta da Taiga, tudo isso culminando com a força aérea soviética. A mudança de categoria defronte a essa área, segundo Alexander Dugin⁹, se dava pelo fato de Mackinder, após sua análise da revisão geográfica e das tecnologias daquela época, considerar que aquela região poderia se caracterizar melhor como parte do *Inner/Marginal Circle*, uma vez que possuía rios passíveis de navegação e o acesso marítimo ao local, caracterizando, assim, a Lenaland como área que não pertencia mais à área do Heartland.

Essa última mudança na geografia do Heartland tornou-se a versão oficial de sua teoria, onde o Pivô Geográfico da História se daria por uma área menor do que Mackinder inicialmente

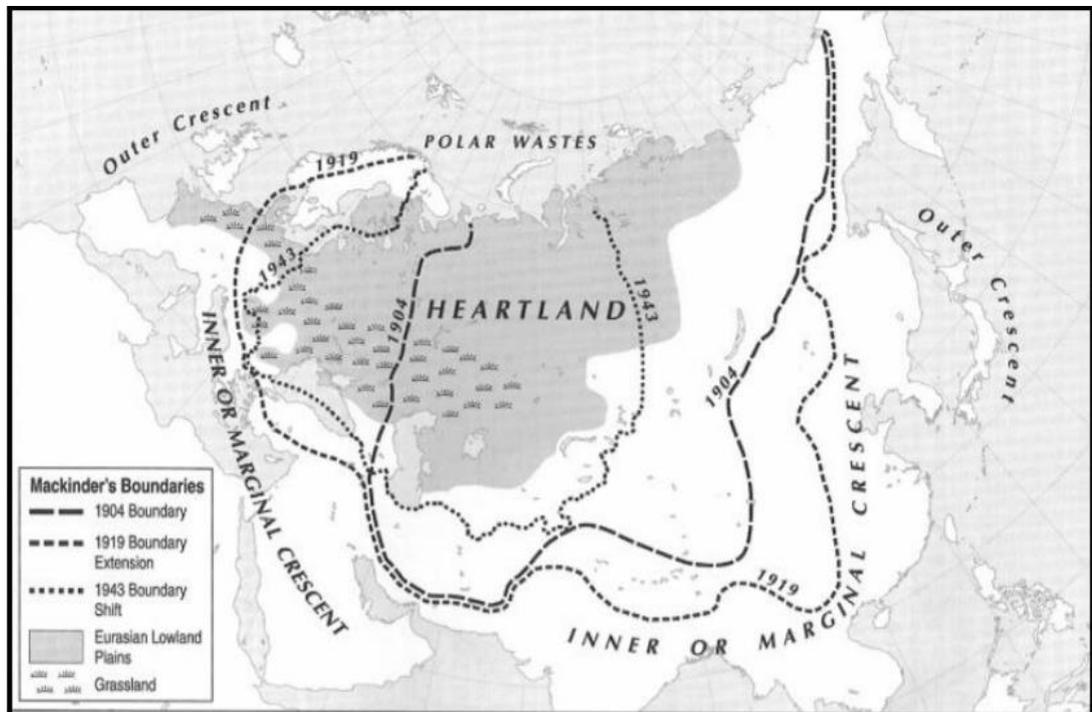
⁷ Mackinder, Halford J. *The Round World and the Winning of the Peace*. 1943. [Tradução do autor]

⁸ Mackinder, Halford J. *The Round World and the Winning of the Peace*. 1943. P. 600 [Tradução do autor]

⁹ Dugin, Alexander. 2019. *Halford Mackinder: The Geographical Pivot of History*.

colocara, sendo adaptado conforme as mudanças históricas, geográficas e, até mesmo, tecnológicas. Isso demonstra a versatilidade e dinamicidade que Mackinder teve ao analisar fatores externos e regular sua teoria para que ela possuísse aplicabilidade no mundo real, não somente em livros, deixando claro que sua teoria é adaptável em relação às mudanças que ocorrem durante o progresso tecnológico, por exemplo. Mackinder também reconhece que, por conta dessa mutabilidade em sua teoria, o mapa do Heartland não é necessariamente fixo, possibilitando a compreensão de que a região que compreende o Pivô pode ser passível de mudança mediante novos fatores.

Imagem 3 – Estágios do Heartland



Fonte: Mackinder Apud Cohen (2003).

A teoria de Mackinder, então, aumentou a atenção mundial perante a região centro-asiática, colocando-a em foco de interesses geopolíticos mundiais. Muitos países de alcance global buscaram entrar em contato com a região, tanto por conta dos interesses geopolíticos e comerciais da região quanto por seus recursos naturais abundantes.

3. ÁSIA CENTRAL E SEUS RESPECTIVOS INTEGRANTES

3.1 GEOGRAFIA LOCAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL

A Ásia Central (Figura 4) está situada numa região geograficamente diversa, tendo ao seu dispor o Mar Cáspio ao Oeste, desertos, que chegam a cobrir 40% das áreas da região, ao Sudoeste, sendo seus maiores exemplares o deserto de Karakum, localizado no Turcomenistão, e o deserto de Kyzylkum, no Uzbequistão. Ao Leste e ao Sul tem-se a Cordilheira de Altai, e ao Norte ficam localizadas as pradarias e estepes, juntamente com as regiões localizadas nas Rússia, que possuem a mesma vegetação. Com tais características é possível notar que o território possui um clima variado (Figura 5), porém, em sua maioria, tende a ser seco e muito dependente de dois principais rios, Amu Daria e o Syr Daria (RACHKOSVSKAYA, 1995). Os integrantes desse grupo são países que anteriormente estavam sob domínio da União das Repúblicas Socialistas Soviética, o Cazaquistão, a agora República Quirguiz, o Uzbequistão, o Tajiquistão e o Turcomenistão.

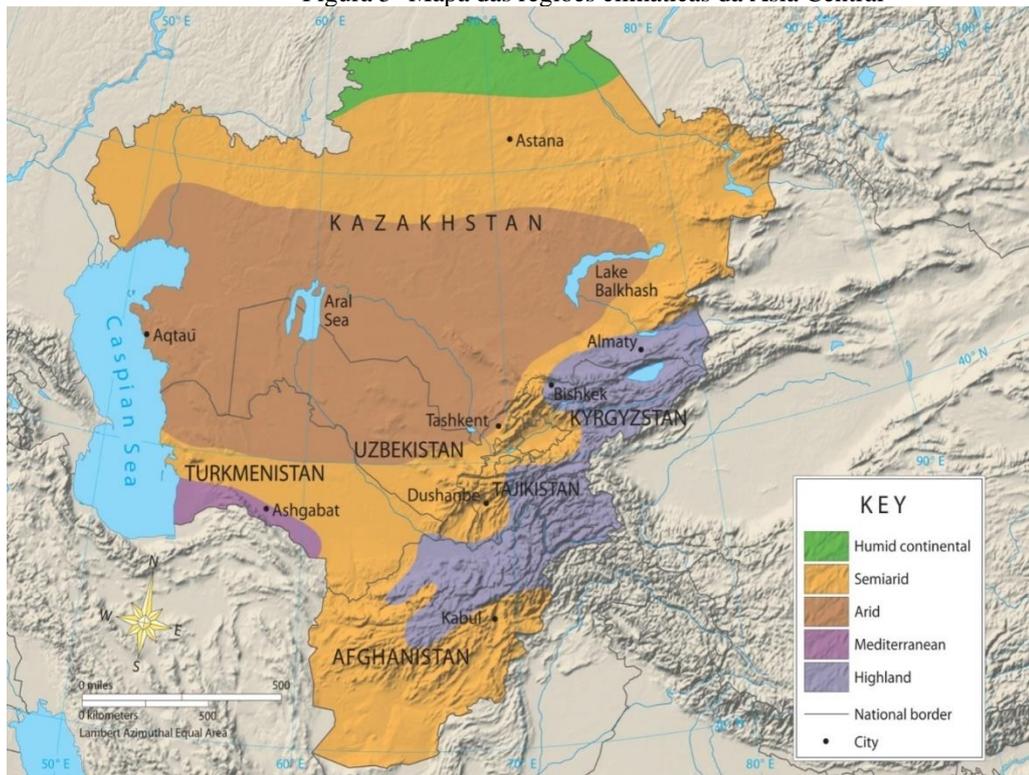
Figura 4- Mapa da Ásia Central, seus respectivos países e seus vizinhos



Fonte: Nations online (2019) [Editado pelo autor]¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.nationsonline.org/oworld/map/central-asia-map.htm>>. Acesso em: 8 Set. 2019.

Figura 5- Mapa das regiões climáticas da Ásia Central



Fonte: Word Atlas (2019) [Editado pelo autor]¹¹.

A diversidade das características morfológicas e climáticas ajudou a promover uma cultura de nômade na região, juntamente com a Mongólia, desde épocas datadas de 700 A.C., que perduraram por muitos séculos (LITVINSNKY et al., 1996). Esses povos promoveram, também, um maior contato com indivíduos e culturas que circundavam a Ásia Central, trazendo certos aspectos externos para o cotidiano de indivíduos que habitavam o local.

Tais interações motivaram o desenvolvimento de culturas próprias e etnias mais distintas, fazendo com que cazaques, quirguiz, tadjiques, turcomenos e uzbeques criassem laços com outras etnias diversas, variando entre persas, russos, chineses e, até mesmo, indianos, estes em uma menor proporção, cujas raízes trazem força para a atual identidade nacional de cada um dos países ali existentes.

Abazov deixa claro que “o panorama cultural e populacional da Ásia Central variou entre as diferentes eras históricas e por diversas razões, sendo por mudança climática ou ação humana” (ABAZOV, 2008, p. 20 [tradução do autor])¹², demonstrando que havia influências culturais ante os povos que se estabeleciam na Ásia-Central. Estas, porém, não se estabeleciam somente por meios de contato como trocas e comércio, mas também por invasões recorrentes

¹¹ Disponível em: <www.wordatlas.com/the_countries_of_central_asia>. Acesso em: 8 Set. 2019.

¹² The cultural landscape and population distributions in Central Asia have varied during different historical eras due to several reasons, including climate changes and human actives (ABAZOV, 2008, p. 20).

na região, de povos do Oriente Médio, como árabes e turcos, bem como invasões por parte dos povos da Mongólia, sendo Atila, o Huno, o mais conhecido a conquistá-la.

Abazov também explana que, apesar de toda essa cultura nômade, existiam núcleos essenciais para a divisão posterior da Ásia Central, que povoavam as margens dos rios Amu Daria e Syr Daria (ABAZOV, 2008). Notavelmente são às beiras de tais rios que, até hoje, encontra-se a maior densidade populacional dos países, pois, como já citado, a morfologia hostil faz com que certos grupos busquem a comodidade de manterem-se perto de uma fonte de água corrente.

Essas invasões ocasionaram o contato com diversas religiões presentes no continente, desde o budismo e zoroastrismo, de forma predominante, bem como o islamismo. É notável que existam influências cotidianas em relação ao zoroastrismo (HANKS, 2010), uma vez que os cinco países da região ainda celebram eventos como o Novruz¹³. O budismo, difundido na região por conta da *Rota da Seda*, está presente, mas tornou-se pouco expressivo após a chegada do islamismo, porém é inegável que assim como o zoroastrismo, os ideários de tal religião se mantêm nas culturas presentes.

O judaísmo, da mesma forma, possuía uma vertente consideravelmente forte na região, que data dos entornos de 400 a 500 D.C. (OCHILDIEV, et al, 2007), sendo esses judeus conhecidos como Bukharian ou Bukhari. Durante o período soviético as comunidades judias se tornaram extremamente isoladas do meio internacional, porém um influxo de judeus refugiados da Segunda Guerra Mundial promoveu um aumento em suas comunidades já instauradas na Ásia Central, uma vez que tais refugiados entraram em contato com os Bukharians através do Uzbequistão. A maioria dos Bukharians emigrou após a queda da URSS, pois a miséria e a dificuldade, juntamente com a facilitação do tráfego para fora da então extinta URSS, que estavam fazendo com que eles buscassem abrigo em outros países, como EUA, Austrália e Israel.

O islamismo, porém, foi a religião que mais perdurou na região, se mantendo até hoje como principal em todos os países da Ásia Central, sendo inegável que sua boa aceitação ante os países que compõe a região também se deu pelo fato de que, durante épocas de domínio islâmico, houve a pavimentação e construção de diversas edificações, como as madraças, espalhadas pelos países. A religião é notada como presente no local desde 630 D.C., pelas expansões promovidas pelo Califado Ortodoxo¹⁴. Mais tarde o Califado Omiada expandiu ainda mais o islamismo para o interior da Ásia Central. Apesar das investidas islâmicas para com os

¹³ Ano novo iraniano/persa, comemorado mais comumente no dia 20 de março.

¹⁴ Califado Rshidun, 632 D.C. – 661 D.C.

países da Ásia Central datarem do século 7 e 8 D.C. (HANKS, 2010), como citado acima, durante a época de existência da *Rota de Seda*, que perdurou aproximadamente de 100 A.C. até 1500 D.C., o contato da região com a cultura islâmica era recorrente e influenciou a cultura local de modo menos agressivo.

O legado deixado pelo islamismo na região pode ser observado, tanto de modo cultural quanto no quesito estrutural, uma vez que ambos califados citados acima promoveram a construção de infraestruturas, como estradas e monumentos na região. Um dos maiores exemplos da influência da cultura islâmica são as madraças encontradas em Samarcanda¹⁵, localizada ao sudoeste de Tashkent, construções de origem árabe com o intuito de disseminar tanto conhecimento acadêmico quanto noções religiosas.

A presença de mesquitas é notória em todo território da Ásia Central, visto que são mais de 7.000, uma vez que mais de 3.900 mesquitas se situam ao longo de todo território tadjique, um fato um tanto quanto marcante por conta de que o Tajiquistão é o menor país da região.

A religião islâmica se mantém como a predominante em todos os países da região, tendo seu menor índice praticamente no Cazaquistão, sendo que cerca de 70% da população segue o islamismo, tal variante pode se dar por conta da proximidade geográfica desse país com a Rússia. Os outros países que compõem a Ásia Central mantêm uma taxa ainda maior, uma vez que o Tajiquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguistão possuem, respectivamente, 95%, 93%, 85% e 75% de suas populações como praticantes ou seguidores do islamismo (OLCOTT, 2016).

Ressalta-se que a maioria da população islâmica desses países segue a doutrina do sunismo, ou sunita, enquanto apenas uma baixa porcentagem, geralmente menor que soma dos praticantes de outras religiões, segue a vertente xiita do islamismo.

Apesar de apresentar tamanha permeação entre as comunidades de tais países, a prática da doutrina islâmica foi perseguida durante o período em que tais países fizeram parte da URSS, isso se deve à ideologia Marxista e sua visão da religiosidade. Por conta dessa perseguição o islamismo deixou a esfera pública e tornou-se muito mais recluso aos lares e estabelecimentos mais discretos daqueles que o praticavam.

Apesar de um forte contraste entre a ideologia marxista e o ideário islâmico, havia um grupo de islamistas conhecidos como *Jadid*¹⁶, que auxiliou os Bolcheviques na implementação de reformas sociais e culturais, de modo a ganhar certo poder político dentro da URSS, como aponta Adeeb Khalid (1998), autor do livro *The Politics of Muslim Cultural Reform: Jadidism*

¹⁵ O nome Samarcanda deriva das palavras sogdianas “samar”, que significa pedra, e “kand”, que significa pedra.

¹⁶ Também conhecidos como “novos”, “progressistas” ou “intelectuais”.

in Central Asia. A opressão diante da comunidade islâmica cessou com a implementação da política conhecida como Glasnost, por Mikhail Gorbachev, e, após a queda da URSS, houve um forte movimento que reinseriu a religião islâmica às esferas públicas. O caráter de herança cultural que o ideário islâmico recebeu após a queda da URSS fez com que tal religião se expandisse ainda mais ante às comunidades dos países.

A inegável proximidade com a Rússia também implica num contato direto com a Igreja Ortodoxa Russa, levando esta religião a se espalhar, ainda que pouco, na maioria dos países que fizeram parte da antiga URSS.

Tal influência, apesar da agressividade com que foi “implementada”, não teve sua efetividade comprovada, uma vez que, segundo pesquisas, somente a maior parcela de seguidores estaria no Cazaquistão, com 25% da população, no Quirguistão, 20%, no Turcomenistão, 9%, Uzbequistão, 4%, e Tajiquistão, 3% (OLCOTT, 2016). Deve-se notar, porém, que a Igreja Ortodoxa Russa vem, ainda, perdendo força na região por conta do avanço das igrejas com ideologias voltadas para a Renovação Carismática e para igrejas evangélicas e seus cultos, de modo a enfraquecer a influência religiosa advinda da Rússia. Apesar de possuir filiais e dioceses em praticamente todos os países membros da Comunidade dos Estados Independentes¹⁷, conhecida como CIS, a resistência na aderência do viés ortodoxo da Igreja Russa é evidente por parte da população que já possui a doutrina islâmica enraizada em sua cultura há séculos (SENGUPTA, 2005).

A cultura pastoril também foi, e ainda é, muito presente nas sociedades que compõem a Ásia Central, uma vez que historicamente a região possui tradição histórica e cultural em manter rebanhos. É notável que praticamente todas as regiões da Ásia Central também acomodam muito bem tal prática, pois campos, desertos, estepes, montanhas e pradarias se estendem pelo norte do Cazaquistão até a fronteira entre Tajiquistão, Uzbequistão, Turcomenistão e Afeganistão. A prática pastoril acompanhada da cultura nômade fez com que os povos, que promoviam tais costumes, se adaptassem aos diferentes biomas existentes na região, adaptando desde sua alimentação, suas roupas até suas respectivas moradias (Figura 3), que consistem em tendas¹⁸ montadas por toda a família, para aqueles que mantêm a vida pastoril. Tal tipo de moradia data de 600 A.C. e remete aos Citas (NATIONAL GEOGRAPHIC ENCYCLOPEDIA, 2017). Essas moradias provariam sua eficiência em frente as adversidades, como frio extremo e, até mesmo, neve em algumas áreas.

¹⁷ Commonwealth of Independent States.

¹⁸ Também conhecidas como yurt ou ger.

Figura 6- Moradia típica dos povos da Ásia Central



Fonte: Edgekz (2019) [Editado pelo autor]¹⁹.

3.2 ECONOMIA REGIONAL

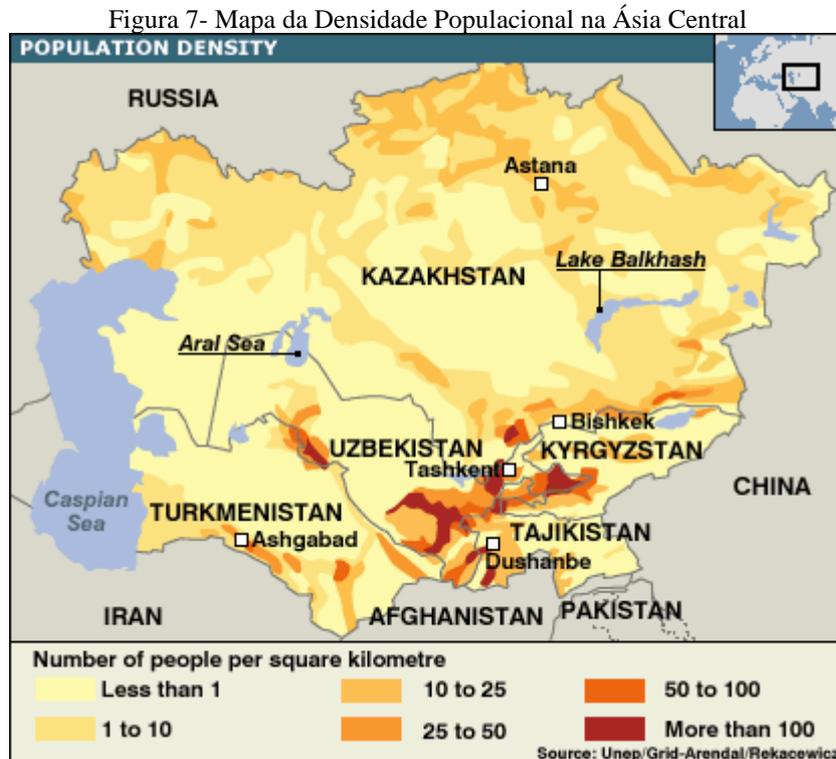
A cultura pastoril supracitada influenciou diretamente o processo econômico da região por muito tempo, uma vez que, até os dias atuais, após o desenvolvimento tecnológico dos países da região, a criação de rebanhos de animais se mantém como um dos principais, e mais icônicos, meios de sobrevivência, para diversos grupos sociais espalhados ao longo dos 5 países.

Deve ser notado, também, que as nações que compõem a Ásia Central são pouco povoadas, possuindo uma densidade extremamente baixa (Figura 4), por conta das vastas áreas com terrenos inabitáveis para comunidades sedentárias.

As diversas regiões inóspitas espalhadas pelos países tornam ainda mais difícil a implementação de políticas de povoamento, tornando-se pouco atrativa para a maioria população, somando-se à questão de diversas áreas serem impróprias para a agricultura em

¹⁹ Disponível em: <<https://www.edgekz.com>> Acesso em: 10 set. 2019.

larga escala, dificultando um possível meio de desenvolvimento econômico dos países que formam a Ásia Central.



Fonte: Rekacewicz (2006) [Editado pelo autor]²⁰.

Porém, de acordo com *Central Asia Atlas of Natural Resources* (2010), é em tais áreas que se encontram os maiores recursos econômicos da Ásia Central. Devido à hostilidade dos biomas espalhados pela área centro-asiática, os já mencionados desertos, estepes e montanhas, diversos recursos naturais se mantiveram pouco explorados durante anos, até mesmo durante o regime soviético, proporcionando uma possibilidade econômica gigantesca para os países da região. Minas de metais raros e preciosos, combustíveis fósseis e urânio são encontrados em abundância na região.

Ainda seguindo dados da CAANR (2010), países como Cazaquistão, República Quirguiz e Uzbequistão, possuem jazidas de urânio que contabilizam cerca de 17% do montante mundial; ouro pode ser encontrado em grande quantidade nos territórios do Tadjiquistão e Uzbequistão; prata e cobre se tornam restritos aos países mais ao norte da região.

Todas as variedades de combustíveis fósseis são encontradas nos países centro-asiáticos, tanto o petróleo, como carvão e gás natural. O líder de produção regional de petróleo,

²⁰ Disponível em: <<https://www.grida.no/resources/7401>> Acesso em: 20 Out. 2019.

Cazaquistão, possui, sozinho, cerca de 2% das reservas mundiais de petróleo. Também é notável que tanto o Turcomenistão como o Cazaquistão possuem prospecção de petróleo no Mar Cáspio (CENTRAL ASIA ATLAS OF NATURAL RESOURCES, 2010).

Figura 8- Mapa da Disponibilidade de Recursos Naturais na Região



Fonte: Vigoschools (2019) [Editado pelo autor]²¹.

A disponibilidade de carvão e gás natural também existe na totalidade dos países centro-asiáticos. Os gasodutos da região, porém, possuem problemas por conta do cuidado e durabilidade, muitos com datas referentes à antiga União Soviética, embora ainda sendo usados, possibilitando assim, o comércio de gás natural com diversos outros países localizados no sul do continente asiático, passando pelo Afeganistão.

Por conta da abundância dos diversos recursos espalhados pela região, várias nações, bem como empresas, buscaram estabelecer relações comerciais para com todos os países da Ásia Central. Tal interesse externo possibilitou a estes um maior escopo comercial e político, uma vez que, como já citado, possuíam minas de diversos metais de interesse mundial, como ouro e urânio.

A prospecção de petróleo, gás e carvão, da mesma forma, se provou propícia, uma vez que investidas de empresas multinacionais se aproximaram da região em busca de contratos de extração de petróleo, sendo a Rússia, com a LUKOIL, e a China um dos maiores parceiros locais (BIN, 2014). O interesse internacional possibilitou o desenvolvimento de plataformas de

²¹ Disponível em: <http://metadot.vigoschools.org/public/WS_AP_ch02_S3.ppt> Acesso em: 20 Out. 2019.

prospecção até mesmo no Mar Cáspio, demonstrando investimento, por parte das empresas internacionais, em infraestrutura para a região.

Portanto fica evidente que o comércio desses bens trouxe um grande impulso para as economias locais de cada país, seja o de metais preciosos, variando de urânio e ouro até cromo, até petróleo e combustíveis fósseis. É inegável, porém, que tais reservas também trazem certas precauções por parte dos países que as retêm, soma-se a isto ao fato da baixa densidade demográfica tornando as áreas com esses patrimônios, pontos críticos para todos os países daquela região.

Tal questão mostra-se complexa, uma vez que indivíduos não têm interesse em povoar áreas com biomas mais inóspitos, acrescentando a questão de que as minas de extração de metais preciosos, assim como locais de prospecção de combustíveis fósseis, possuam problemas de poluição severos e implicam em danos ambientais de magnitude considerável, tornando assim a qualidade de vida dos lugares, já inóspitos, ainda pior (BBC, 2003).

Deve ser notado que os grupos nômades, por exemplo, não possuem interesse em povoar de forma a se fixar em tais regiões, de modo que seu aspecto cultural está enraizado, sendo carregado como uma espécie de legado ou tradição, fazendo com que os povos que culturalmente rondam as ditas regiões, mantenham-se meramente como vagantes, e não reais habitantes que garantiriam maior presença (BBC, 2003).

3.3 ERA PÓS-URSS

Durante os anos de 1918 e 1991 a Ásia Central esteve sob controle da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, tendo suas autonomias tomadas e controladas pela URSS. Durante 73 anos a população daquela região ficou restrita às funções e designações de variados trabalhos fornecidos por parte dos soviéticos, desde serviços visando o desenvolvimento pastoril, até a prospecção de petróleo e gás, em menor escala. A sociedade, então, se baseava no comando dos líderes soviéticos e estava acostumada a tal ordenamento, demonstrando adequação a esta situação de trabalho.

Em 1991, porém, a queda da URSS trouxe um imenso impasse para as antigas repúblicas soviéticas: a real liberdade. Após derrocada soviética os países se viram por si só e sem a necessidade de obedecer aos direcionamentos de um ente maior, promovendo um certo desarranjo social dentro de cada país, levando às crises sociais e até mesmo de saúde, como o alcoolismo (BBC, 2003).

Após o ano de 1991, que foi marcante para região por conta do acordo de Belavezha, que promulgava o fim da URSS, de modo a promover o reconhecimento da independência de todas as nações que compõe a atual Ásia Central, buscou-se uma organização entre nações próximas, como Rússia, Belarus, e Armênia, na formação de uma comunidade para criar uma coordenação maior e promover o desenvolvimento econômico e tecnológico, bem como no setor de segurança.

Por meio desse esforço foi criada então a CEI²², Comunidade dos Estados Independentes, em 1992 (SENGUPTA, 2005), cuja formação inicial era composta por Armênia, Belarus, Cazaquistão, o então Quirguistão, Rússia, Tajiquistão, Ucrânia e Uzbequistão, todos países que fizeram parte da União Soviética. Omite-se o Turcomenistão na lista de membros fundadores, algo ímpar, uma vez que este país faz parte da região centro-asiática, visto que somente ratificou a fundação da CEI, mas não o fez com o subsequente estatuto que o tornaria membro daquela comunidade, deixando-o meramente como associado.

Esse fato não impediu a aceitação dos países membros da CEI ante a participação do Turcomenistão em iniciativas da comunidade, sendo exemplo disso sua atuação na Zona de Livre Comércio da Comunidade dos Estados Independentes²³ (ZLC), criada em pelos países participantes da CEI. Entretanto, tal esforço por parte dos membros da Comunidade dos Estados Independente, o Turcomenistão demonstra intenções não tão certas em relação à comunidade, uma vez que em 2005, por exemplo, o país diminui contato com alguns dos membros que participam da comunidade (MITE, 2005).

Apesar da ausência de um dos países da Ásia Central, a CEI ainda se mantém como uma comunidade forte e unida, de modo a firmar e manter tutela sobre tratados como a Organização do Tratado de Segurança Coletivo²⁴, promovida pelo Tratado de Tashkent, e a União Econômica Eurásiana²⁵ (UEE) (GORENBURG, 2014).

Outra organização com relações ante a CEI é conhecida como Organização para Cooperação Centro-Asiática. Essa instituição visa, como seu nome deixa claro, promover a integração e o desenvolvimento econômico local, visando também promover um acréscimo à expansão acadêmica, cultural, política e tecnológica dos países da região.

A formação dos diversos acordos, tratados e comunidades demonstra que existe uma integração e, de certa forma, comprometimento por parte dos países participantes dessas ações.

²² CIS: Commonwealth of Independent States [Tradução do autor].

²³ Commonwealth of Independent States Free Trade Area (CISFTA) [Tradução do autor].

²⁴ Collective Security Organization Treaty [Tradução do autor].

²⁵ Eurasian Economic Union [Tradução do autor].

Um fato notável é a aproximação da Rússia com estes países por meio desses mesmos tratados, acordos e comunidades, uma vez que ela faz parte de, praticamente, todos que foram fundados e implementados na região.

A questão da emigração também se tornou evidente após a queda da URSS, uma vez que os países estavam sem direcionamento e, por conta disso, sofriam com uma economia mal regulada. A busca por trabalho levou a população a emigrar para os países vizinho em busca de melhores condições. A maioria dos emigrantes eram jovens, dessa forma deixando uma população envelhecida, sendo possível notar tal acontecimento até nos dias de hoje (BBC. 2003).

4. RÚSSIA E A ÁSIA CENTRAL

4.1 INTERESSE (GEO)POLÍTICO

A busca pela reaproximação russa com a Ásia Central é algo perseguido de formas diversas após a queda da URSS em 1991. Os chefes do estado russo sempre buscaram a aproximação entre os cinco países que compõe a região, por diversos motivos, que vão desde questões culturais, até questões políticas e econômicas, de forma a deixar claro a existência de interesses (SENGUPTA, 2005).

A reinserção russa para com aqueles países se deu de diversas formas, por meio de discursos, como o feito pelo presidente Vladimir Putin, em Maio de 2003, quando ele afirmou querer aumentar e fomentar relações com países que fizeram parte da União Soviética; bem como através de políticas de incentivo econômico e, até mesmo, auxílio militar nos problemas internos, como o da República Quirguiz, que viu em 2002 a ação das tropas russas, usadas para auxiliar no combate ao terrorismo e para manter a estabilidade regional.

A garantia da estabilidade regional da Ásia Central deve ser colocada como um interesse primário russo, para garantir seu próprio bem-estar, uma vez que essa significaria uma maior facilidade de comércio e políticas na região centro-asiática.

A Rússia, por sua vez, teria relação direta com a eliminação de um conflito que envolvesse os países da Ásia Central de modo externo, porém esse não é o único ponto de estabilidade que interessaria ao governo, uma vez que conflitos internos, fomentados por grupos terroristas como o Movimento Islâmico do Uzbequistão²⁶, o IMU, possuem certa força em seus respectivos países (SENGUPTA, 2005).

Movimentos separatistas e identitários também se encontram presentes em diversos países da Ásia Central, tais problemas colocam em xeque a estabilidade da região e, por conseguinte, os interesses russos para com ela. Um dos maiores exemplos de tal ocorrência da Revolução Quirguiz, de 2010, envolvia problemas étnicos entre indivíduos usbeques e quirguizes (AKINER, 2016).

A questão de recursos naturais é, igualmente, de alta incidência quando se trata de Ásia Central, uma vez que seus países concentram quantidades significativas de petróleo e minerais, como tratado no capítulo anterior. Pesquisas apontam que, por exemplo, a região possui cerca de 2,4% das reservas de petróleo mundial, de modo a ter produzido mais de 30 bilhões de barris

²⁶ Islamic Movement of Uzbekistan [Tradução do autor].

de petróleo num total, sendo o Cazaquistão o país que mais contribui para essa marca. A região também se destaca na quantidade de gás natural e carvão, mantendo 4% das reservas mundiais de ambos os recursos (CENTRAL ASIA ATLAS OF NATURAL RESOURCES, 2011).

Outro fator de extrema importância para a comunidade russa é o urânio, uma vez que tal material ainda é utilizado tanto para fins bélicos quanto para fins pacíficos, como reatores próprios e substância para reatores nucleares. Esse minério é encontrado em abundância no Cazaquistão, Uzbequistão e na República Quirguiz, sendo nesse último em menor quantidade. Outros recursos, como zinco, chumbo, manganês, cromo, bronze, prata e ouro são encontrados em fartura em todos os países daquela região (CENTRAL ASIA ATLAS OF NATURAL RESOURCES, 2011.)

A vasta gama de recursos que a região oferece, por conta da disponibilidade e por conta da proximidade, atrai, ainda mais, o interesse russo para os países da Ásia Central, fazendo com que ponderem cada vez mais sobre a estabilidade regional, buscando manter em bons termos os atuais vizinhos, evitando conflitar de modo a atrapalhar futuras empreitadas políticas ou comerciais.

Outro fator que também manteve o interesse russo ante os países da Ásia Central foi a presença dos Estados Unidos da América naquela região, visto que se configurou de forma mais sólida após os atentados de 11 de setembro de 2001, que tiveram repercussão global e fizeram com que questões de segurança internacional aumentassem para níveis maiores.

Por conta da proximidade com o Oriente Médio, juntamente com as divisas, tanto com Irã, como com o Afeganistão, a Ásia Central tornou-se um ponto de interesse estratégico considerável para os americanos. Unindo-se aos interesses militares, comerciais e políticos, uma vez que boas relações entre tais países significariam acesso a minérios e recursos com maior facilidade, sem contar a possibilidade de inibir o crescimento da influência russa, bem como o crescimento da influência chinesa na área.

Os EUA, para demarcar tais interesses, instalaram-se em bases militares no Uzbequistão, nas proximidades da cidade de Qarshi, sendo essa estrutura um enclave localizado na proximidade das fronteiras do Uzbequistão e seus vizinhos, Turcomenistão, Tajiquistão e o Afeganistão (BEEHNER, 2005).

Tal proximidade ante as fronteiras tornava a base um ponto estratégico, uma vez que o interesse americano propagado para a comunidade internacional era de manter as ações pós-operativas para com o Afeganistão, enquanto o interesse geopolítico velado trazia questionamentos por parte das nações próximas à região. É pertinente notar que tal base foi

devolvida ao governo usbeque em 2005, após a revolta popular por conta do Massacre de Andijan (BEEHNER, 2006).

Outro enclave americano se encontrava na República Quirguiz, onde localizava-se a Base Aérea de Manas (Figura 7), na cidade de mesmo nome. Essa base era usada como ponto de chegada e de saída para a maioria dos combatentes americanos, que adentravam à Ásia Central para lutar no Afeganistão. Situada nas proximidades de Bishkek, capital quirguiz, e próxima à fronteira com o Cazaquistão, provia fácil acesso ao país com maior produção de recursos naturais de alto interesse internacional. A base foi devolvida à República Quirguiz em 2014, após pressões exercidas pelo então presidente quirguiz Alzmbek Atambayev (PILLALAMARRI, 2014).

Figura 9- C-17 sendo abastecido na Base de Manas



Fonte: Question More (2014) [Editado pelo autor]²⁷.

A existência das duas bases locais, ainda que permitidas na região, por conta dos ataques terroristas ocorridos nos EUA, geraram um desconforto local sentido primariamente pela comunidade russa, uma vez que a presença de tais bases carregava um fator geopolítico muito forte em suas respectivas existências. Esse desconforto se une à questão de influência direta diante da região centro-asiática, uma vez que os Estados Unidos da América podem se tornar um parceiro muito forte para os países ali presentes. Embora a Rússia fosse um personagem que

²⁷ Disponível em: <<https://www.rt.com/usa/163276-us-leave-manas-airbase/>> Acesso em: 22 Out. 2019.

sempre esteve presente às margens daquele território, caracterizou-se como uma influência constante e direta, seja culturalmente, economicamente ou politicamente.

O fechamento da Base Aérea de Manas se deu quando o então presidente quirguiz, Almazbek Atambayev, eleito em 2011, garantiu ao governo russo que a base de Manas seria reivindicada de volta, tal fato ocorrendo em 2013, após decisão do parlamento quirguiz (PILLALAMARRI, 2014).

A presença e intervenção por parte da OTAN²⁸ no conflito ocorrido nos Balcãs, que perdurou de 1992 até 2004, também traz uma nuance delicada perante a influência russa na região. Essa demonstração de alcance por parte da OTAN fez com que a Rússia buscasse mais firmeza em suas ações para com a Ásia Central, que se traduziu, por exemplo, em seu acordo com o Cazaquistão, para que as operações energéticas fossem tomadas da empresa *Tractebel* e passadas para o governo russo. (SENGUPTA, 2005).

Outro exemplo disso foi o encontro de 20 de maio de 2000, entre Vladimir Vladimirovich Putin, presidente da Rússia, e Saparmyrat Nyýazow, o então presidente do Turcomenistão, quando houve acordos promovendo uma maior cooperação econômica e o aumento das relações bilaterais.

Os pontos expostos acima demonstram que a região se mantém como uma zona de interesse direto da Rússia, corroboram com a ideia da grande importância da região do *Heartland* proposta por Mackinder, porém sofre influências externas regularmente, obrigando o país a se manter em constante atenção ao que ocorre na região. A presença da companhia belga *Tractebel* denota a existência de empresas estrangeiras que buscam administrar os recursos na região, deixando claro que, apesar da influência russa, ainda existem contrapartidas de diversos outros agentes naquele meio, tanto por parte de outras nações quanto por empresas privadas.

Outra razão que deve ser levada em consideração ao analisar essa área, é sua relação com o militarismo soviético, fazendo com que o governo russo tenha ainda mais ambição em defender o território centro-asiano, pelo fato de instalações soviéticas ainda existirem em praticamente todos os países daquela região. Essas instalações ainda contêm diversos experimentos, como armas militares, de caráter químico e biológico (BBC, 2003). A posse dessas armas se torna ainda mais crítica por conta do estado precário das bases em que elas se encontram.

²⁸ Organização do Tratado do Atlântico Norte.

O suporte russo, nesse caso, vem em forma de auxílio econômico para manter as instalações, como refrigeradores para guardar os experimentos, de forma militar, com apoio de equipes para manter as bases seguras, e em forma de treinamento, para familiarizar e, até mesmo, profissionalizar aqueles que trabalham com os experimentos e armas, denotando ainda mais o interesse russo em manter aquela região sob sua zona de influência (BBC, 2003).

A presença russa em diversos acordos, pactos e tratados demonstra um alastramento direto da política em relação aos países da Ásia Central. Sua participação no Tratado de Tashkent, implementado pela CEI, que promoveria segurança coletiva e auxílio regional militar entre os países centro-asiáticos, tudo isso sendo um exemplo da busca russa para se manter como hegemonia principal da região do *Heartland*.

Uma demonstração dessa presença foi a intervenção feita no Tajiquistão, durante a Guerra Civil de 1992. A 201ª divisão motorizada russa foi, então, acionada e levada para defender as fronteiras entre Tajiquistão e Afeganistão (SENGUPTA, 2005). Ação essa, que teve suporte da linha de intelectuais que acreditavam que o envolvimento russo com a Ásia Central era algo indesejado, pois compreendiam o caráter de ponto sensível que a região demonstrava, uma vez que são países novos, com características de interesse global, logo uma ação para consolidar certa força russa no local era necessária.

É pertinente, portanto, compreender que o caráter geopolítico das ações russas para com a região tem pesos diversos, uma vez que os 5 países que compõe a Ásia Central possuem características, interesses e culturas diferentes, mas sempre buscam manter os laços tradicionais fortes com seus vizinhos.

Frente à esta asserção, o questionamento das intenções russas para com a região no que tange a possibilidade de retomar as áreas da antiga URSS volta à tona, uma vez que Yevgenin Primakov, o Primeiro Ministro russo de 1998, advogava em favor de tal possibilidade. Boris Yeltsin, porém, acreditava que a possível restauração da URSS seria algo desastroso (SENGUPTA, 2005). O atual presidente russo, Vladimir Putin, já deixou claro que em seu governo existe um viés favorável para desenvolvimentos econômicos e políticos, não somente dos países da Ásia Central, mas bem como todos aqueles que faziam parte da URSS. Tal discurso remonta a ideia da busca russa em manter sua forte influência ante àqueles estados.

Esse tratamento, porém, ainda levanta o questionamento da possibilidade da reintegração das repúblicas soviéticas por parte da Rússia, contudo, tal intenção nunca foi expressamente negada ou afirmada, levando à diversas especulações, como a do general britânico Sir Mike Jackson que afirma que “Putin vê a Rússia moderna como a herdeira da grande casta de poder

que era União Soviética detinha e eu creio que ele está tentando remontar tal coisa²⁹”, dito por ele ao jornal americano Newsweek em 2017.

Nota-se, portanto, que a Rússia faz o não uso direto de sua “potência coercitiva³⁰” ante os países da Ásia Central, envolvendo diretamente meios militares e econômicos para buscar estabelecer seus respectivos interesses. A questão militar russa se torna muito mais um instrumento de defesa para todos os países da região, mas, ainda assim, mantém seu status como possível ameaça por conta de sua respectiva força e proximidade (GÓRECKI, 2014).

Portanto, o uso do “poder de convencimento³¹”, por meio da diplomacia e da construção de acordos com os países da região, torna-se o maior trunfo do governo russo em relação à Ásia Central, e, por conseguinte, ao *Heartland*.

A ação da diplomacia russa busca, então, disseminar influência com políticas bilaterais ou multilaterais, geralmente amparadas por meios da CEI ou pela União Econômica Eurasiática, sendo um dos maiores exemplos dessas políticas a participação ativa na CEI, na Zona de Livre Comércio da Comunidade dos Estados Independentes e, principalmente, na Organização do Tratado de Segurança Coletiva, em que a força russa remete ao maior contingente de todos os membros. A segurança militar ofertada pela Rússia para os países da Ásia Central tem o aspecto do chamado “poder inteligente³²”, uma vez que o treinamento da maioria dos quadros militares da região ainda é feito pelo país, além do treinamento de manobras militares em conjunto com as outras nações (GORENBURG, 2014), deve ser somado às ações russas por meio da diplomacia e da sua respectiva força dentro das instituições ali estabelecidas.

O interesse russo na região monta-se mais, portanto, no aspecto político, com base em manter sua zona de influência, e não uma dominação política total dos países centro-asiáticos. Tal influência se daria por meios como: políticas bilaterais ou multilaterais, bem como a criação de organizações, buscando se manter na posição de dominância. Essas ações de contato foram colocadas em prática desde 1992, demonstrando que a Rússia compreendia a importância daquelas nações um ano após suas respectivas independências, e mantidas atualmente, deixando claro que a região é uma zona de influência russa direta.

²⁹ Putin sees modern Russia as the inheritor of the great power status which the Soviet Union used to have and I think he's trying to rebuild that.

³⁰ *Hard Power*, definido por Joseph Nye como a habilidade de usar meios militares e econômicos para que os outros sigam sua vontade.

³¹ *Soft Power*, definido por Joseph Nye como a capacidade de influenciar outras nações por meios de cultura, valores políticos e políticas cooperativas.

³² *Smart Power*, definido por Joseph Nye como a capacidade de mesclar *Hard Power* e *Soft Power*.

4.2 VIÉS ECONÔMICO

Durante um longo período, a economia dos países centro-asiáticos foi comandada pela URSS, desse modo colocando um norte para o crescimento de cada uma das nações, porém em 1991, com a assinatura dos Acordos de Belavezha, a dissolução da União Soviética, juntamente com a criação da CEI, deixou as economias locais em ruínas (SENGUPTA, 2005).

Durante o período de 1992 até 2000 houve uma estagnação no comércio russo para com a Ásia Central, sendo o valor das trocas dessa época avaliado entre 6 e 9 bilhões de dólares (SINITSINA, 2012).

Apesar de alguns impasses após o início dos anos 2000, como a crise financeira mundial, desencadeada pelo problema econômico americano, o crescimento de trocas entre Rússia e Ásia Central cresceu em todos os aspectos, deixando claro que a economia dos países daquela região e a economia russa possuíam laços muito bem firmados.

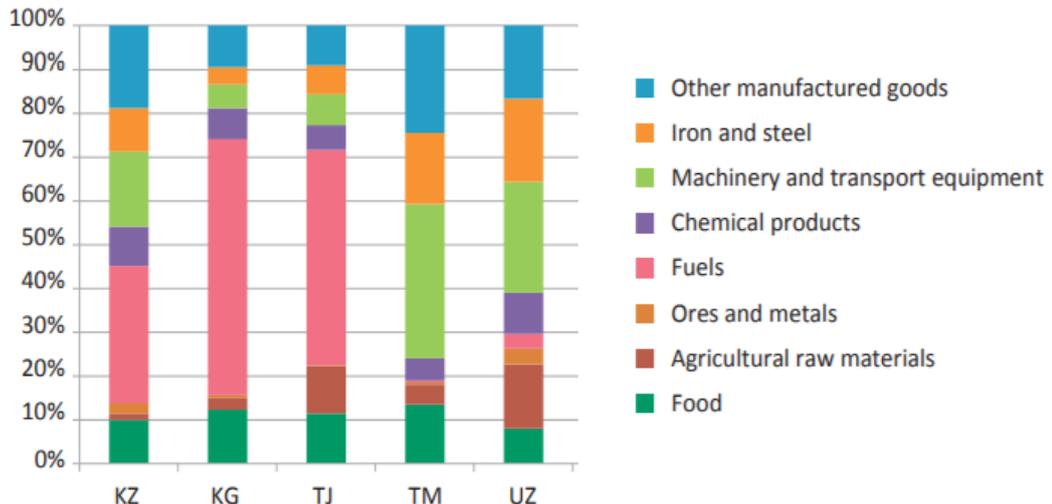
Por conta da natureza dos produtos produzidos na região, a maioria de característica primária, o problema enfrentado com a queda no preço de *commodities* durante o ano de 2015, por ambos os russos e os centro-asiáticos, trouxe uma diminuição na relação econômica entre eles. Esse problema foi sentido, ainda mais, por conta da então desvalorização da moeda russa, o Rublo, que se deu através da mesma ocorrência das economias da Ásia Central, uma vez que as nações daquela região tinham a Rússia como um de seus mais significantes parceiros comerciais (SAMRUK-ZANYA, 2017). Essa susceptibilidade demonstra certa dependência econômica entre Rússia e países da Ásia Central.

Um dos fatores mais interessantes perante a relação econômica entre os países supracitados, se dá por meio dos produtos comercializados por ambos os lados, como a Figura 10 e a Figura 11 demonstram, uma vez que os produtos comercializados entre a Rússia para e vizinhos centro-asiáticos, e vice-versa, possuem uma diferença grande em relação a produtos manufaturados e básicos (SAMRUK-ZANYA, 2017).

A exportação russa de produtos como comida, minérios, equipamentos de transporte e maquinaria industrial são presentes em todas as relações econômicas com os países da Ásia Central, porém um dos produtos com maior peso nas exportações russas são os combustíveis fósseis, uma vez que tal *commodity* equivalia, em 2010, a 31% da exportação (SINITSINA, 2012). É notável que existe uma forma de sobreposição econômica perante os produtos importados e exportados pela Rússia para as nações centro-asiáticas, tirando o caráter complementar das economias.

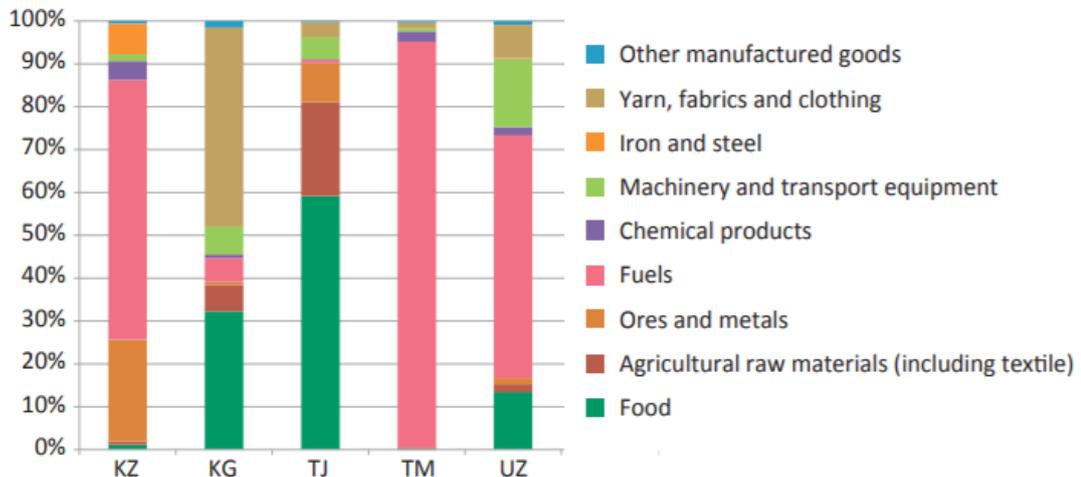
A importação e a exportação russa de combustíveis, denotadas nos gráficos abaixo, são fatores críticos ao comércio regional, uma vez que os recursos energéticos representam uma grande parte da economia de todos os países da Ásia Central.

Figura 10- Gráfico das principais exportações russas para os respectivos países da Ásia Central em 2010



Fonte: Ucentral Asia (2012) [Editado pelo autor]³³.

Figura 1- Gráfico das principais importações russas ante os respectivos países da Ásia Central em 2010



Fonte: Ucentral Asia (2012) [Editado pelo autor]³⁴.

Segundo Marlene Laruelle (apud SINITSINA, 2012), o interesse russo na região pauta-se, primeiramente, no controle dos recursos energéticos, tal viés está se tornando evidente desde 1990, quando as empresas estatais como a Gazprom, com foco em exportação de gás natural, a Rosneft e a Lukoil, ambas focadas em prospecção de petróleo, começam a atuar em toda

³³ Disponível em: <https://www.ucecentralasia.org/Content/Downloads/UCA-IPPA-WP5-RussiaInfluence-Eng.pdf>. Acesso em: 23 Out. 2019.

³⁴ Disponível em: <<https://www.ucecentralasia.org/Content/Downloads/UCA-IPPA-WP5-RussiaInfluence-Eng.pdf>> Acesso em: 23 Out. 2019.

extensão da Ásia Central (SINITSINA, 2012). O viés geopolítico desse interesse russo é claro, uma vez que o domínio sobre tais recursos energéticos, abundantes naquela região, contariam em muito para controlar uma parcela considerável do mercado da Eurásiano de combustíveis.

Outra questão que corrobora com a influência russa na região, frente à importação e exportação de combustíveis, como os gráficos demonstram, se dá por conta da incapacidade dos países no que tange o processamento do petróleo, forçando os que não possuem essa tecnologia, a buscar em seus parceiros próximos, como a Rússia, a possibilidade de fazer tal processamento. O maior exemplo disso é o petróleo cazaque, que contém altas quantidades de enxofre, obrigando-o a ser processado antes de ser refinado (SINITSINA, 2012). O Cazaquistão, então, envia o petróleo para o processamento em território russo e recebe o produto pronto para ser refinado.

Essa relação demonstra como a falta de tecnologia afeta diretamente as relações de dependência e influência por parte dos países da Ásia Central ante a Rússia, uma vez que a primeira necessita do viés tecnológico oferecido pela segunda, para atingir certo potencial de produção, fornecendo aos russos um meio claro que influencia seus vizinhos. É necessário também, contabilizar a força de transporte em face dos combustíveis, uma vez que 75% do petróleo exportado do Cazaquistão, por exemplo, utiliza gasodutos russos (SINITSINA, 2012).

Tais tecnologias não garantem, porém, a imperatividade russa sobre os mercados da Ásia Central, uma vez que as repúblicas centro-asiáticas buscaram novos mercados, pois a Rússia não conseguiria dar conta de todo âmbito comercial dos 5 países da região, ao menos não sozinha.

A Ásia Central, então, buscou meios de aumentar seu leque de opções, levando-a ao mercado chinês, ao mercado europeu, e ao mercado ucraniano com a venda de gás natural e outras commodities. Tal expansão de mercado, porém, foi feita de forma mais individual para cada um dos países que compõe a Ásia Central, demonstrando, então, uma fragmentação mais evidente daquela economia regional. Deve-se somar à essa questão o fato do diferente estágio de desenvolvimento econômico de cada um daqueles países, e seus próprios interesses, buscando independência individual perante seus respectivos mercados (SINITSINA, 2012).

Apesar de se manter como um dos principais mercados da região e ter um viés de preferência em relação às economias centro-asiáticas, a Rússia buscou, após essa diversificação de parceiros comerciais por parte dos países da Ásia Central, fomentar a Zona de Livre Comércio da CEI, como citado anteriormente.

Essa fomentação buscaria aumentar a influência comercial russa ante a região, por conta das baixas tarifas e, também, por conta do então acordo, uma vez que quatro dos

cinco países que compõe a Ásia Central ainda fazem parte da Zona de Livre Comércio. A ZLC tem como base principal as guias do Acordo Geral de Tarifa e Comércio³⁵ e da Organização Mundial do Comércio³⁶, buscando diminuir barreiras tarifárias e comerciais entre seus membros, porém, a implementação se deu de forma vagarosa devido aos diversos acordos bilaterais e multilaterais que precederam tal organização (SAMRUK-ZANYA, 2017). É seguro afirmar que esta servia como instrumento russo para influir nos outros membros, uma vez que a Rússia se mantinha como a economia mais forte do grupo, possibilitando maior controle sobre a organização.

Deve ser notado que a ZLC não é o único meio de influência comercial russo, uma vez que a União das Economias Eurasianas também existe, embora menos efetiva em termos de difusão da influência russa, por conta do menor número de membros, sendo os participantes de origem centro-asiática somente o Cazaquistão e a República Quirguiz, enquanto o único país centro-asiático que não participa da ZLC é o Turcomenistão.

Outro meio também usado pela Rússia para expandir seus interesses regionais é o empréstimo e o investimento direto nos países centro-asiáticos, tanto pelo setor privado quanto pelo governo. Tais investimentos geralmente ficam alocados nos setores de infraestrutura energética, uma vez que, como já citado, esse é o setor de maior importância econômica do país (SINITSINA, 2012). O uso deste método, porém, não necessariamente implica na cooperação entre as partes envolvidas, não sendo tão eficiente quanto tratados e acordos. Esse tipo de ação também possui uma agressividade muito forte, por ter um tom mais unilateral de ambas as partes.

O maior interesse russo sob o viés econômico, portanto, é o controle das matrizes de recursos naturais dos países da Ásia Central, pois isso implicaria no controle sobre recursos que afetam integralmente o âmbito do continente eurasiático, abrangendo desde a Europa até a China, fortalecendo ainda mais a Rússia no cenário local e internacional. A suplementação para tal objetivo é feita por meio da força política russa em frente às vias econômicas estabelecidas, sejam acordos ou instituições.

Também deve ser notado que o instrumento econômico russo, para influenciar a região, provê da dependência do mercado centro-asiático quanto à produção e consumo de certos produtos, colocando a Rússia em uma situação favorável. Essa posição faz com que a Rússia consiga se estabelecer por meio de tarifas e forças de produção e mercado, chegando ao ponto de influir diretamente na política (GÓRECKI, 2014). Empréstimos e investimentos gerais

³⁵ GATT. General Agreement on Tariffs and Trade [Tradução do autor].

³⁶ WTO. World Trade Organization [Tradução do autor].

diretos também contam para o aumento da influência do país em termos econômicos, porém seus respectivos resultados são eficientes como investimentos em indústrias e setores específicos.

4.3 QUESTÃO CULTURAL E ÉTNICA

Para iniciar a discussão cultural e étnica, ressalta-se que:

Na Europa somos vistos como pedintes e escravos, enquanto na Ásia nós seremos mestres. Na Europa somos asiáticos, enquanto na Ásia somos, também, europeus. Nossa missão civilizatória na Ásia encherá nossos espíritos e nos guiará para lá. É somente necessário que o movimento comece. Construam duas ferrovias: comecem com uma na Sibéria e então na Ásia Central e logo você verá as consequências (DOSTOIÉVSKI apud SENGUPTA, 2005, p.8. [Tradução do autor]³⁷)

O trecho acima, retirado de um dos romances do grande escritor russo Fiódor Dostoievski, demonstra o pensamento russo ante à participação do país na Ásia Central. O autor deixa transparecer pontos fortes do caráter expansionista com um tom de destino, tal trato sendo demonstrado pelo termo “missão civilizatória”. Nota-se, também, que a dualidade russa já era tratada, colocada tanto como europeia quanto como asiática.

Essa missão civilizatória pode ser datada do início do século 19, com a expansão do Império Russo para a região da Ásia central, influenciando, assim, diretamente na cultura de cada um dos países centro-asiáticos, porém permitindo as culturas locais a manterem suas respectivas tradições (SENGUPTA, 2005). A União Soviética, porém, buscou promover a homogeneização cultural das áreas sob seu comando, suprimindo culturas locais e impondo sua própria cultura aos povos dominados.

Tal permeação se deu de forma incisa por parte dos soviéticos em relação aos países que compõe a Ásia Central, trazendo a língua, a literatura e todos os outros aspectos da cultura soviética para dentro do cotidiano centro-asiático por 73 anos (SENGUPTA, 2005). Durante esse período de repressão cultural, foi também sendo suprimida a ideia de identidade individual de cada povo, colocando em xeque diversas questões culturais ali presentes. Mesmo após a derrocada da União Soviética, em 1991, o retorno da identidade dos povos demorou algum

³⁷ In Europe we are hanger-nos and slaves, whereas in Asia we shall go as masters. In Europe we are asiatics, whereas in Asia we are, too, europeans. Our civilizing mission in Asia will bribe our spirit and drive us thither. It is only necessary that the movement should start. Build two railroads: begin with the one in Siberia and then to Central Asia and t once you will see the consequences (DOSTOIÉVSKI, 1881).

tempo para se restabelecer. Por conta dessa histórica dominação da região, a cultura russa se fixou profundamente naqueles países.

Indivíduos russos, que moravam naqueles países, também buscaram manter suas respectivas culturas, ocupavam, em geral, cargos de prestígio durante a era de domínio da URSS, e se mantiveram como a classe dominante das comunidades, possibilitando-os a usar de meios mais sólidos e fortes do que suas contrapartes (SENGUPTA, 2005).

A dominação cultural se mostra, então, presente no ideário russo de séculos atrás, porém após a queda da URSS, características identitárias de cada uma das nações passou a ter maior viabilidade para retomarem tal feito, porém, foi uma prática custosa e difícil, uma vez que a implementação de uma cultura é algo que necessita, primeiramente, buscar base na aceitação popular, para então crescer e, muito tempo depois, se estabelecer de fato e manter-se por si só.

A cultura original da Ásia Central, como exposto no primeiro capítulo, possui diversas nuances e influências históricas, enquanto a imposta pelos soviéticos era mais monótona e linear, as diferenças eram grandes, principalmente quando a questão religiosa toca o assunto.

Os países centro-asiáticos buscaram, então, retomar suas respectivas línguas tradicionais, saindo do então “Imperialismo Linguístico³⁸”, imposto pela União Soviética, e voltando para as línguas como o cazaque, o quirguiz, na República Quirguiz e no Tadjiquistão, uzbeque, sendo essa mais presente no Uzbequistão e no Turcomenistão (SENGUPTA, 2005).

Essa mudança linguística retirava parte de influências diretas russas daquela região, uma vez que a população começou a perder pontos de contato direto com aquelas culturas locais. Com isso, a questão de mudança cultural se torna iminente, uma vez que seguindo o ideário da teoria do Imperialismo Linguístico pode-se colocar que o uso da língua é, primeiramente, um viés de contenção e se torna um meio de dominação cultural daqueles que são subjugados. A quebra desse ciclo possibilita aos países, então, um retorno mais rápido às origens culturais e a possibilidade de um distanciamento da Rússia.

A questão étnica também entra em foco quando trata-se dessas regiões, uma vez que a migração russa para tais lugares data do seu período imperial, tendo ressurgências em 1920 e 1930, com a busca de expandir os campos de cultivo da então URSS, e em 1950 e 1960, com a Campanha das Terras Virgens³⁹. Essa migração demonstra que a identidade russa é muito antiga na região, denotando um forte enraizamento.

³⁸ Imperialismo linguístico é uma forma de imposição de um idioma ante uma comunidade. Ocorrendo na sobreposição de estruturas e relacionamentos assimétricos, onde o idioma está interligado com outras dimensões, cultural (particularmente em educação, ciência e mídia), econômica e política (PHILLIPSON, 1997).

³⁹ Política pela qual Nikita Krushev buscou aumentar a produção agrícola da URSS por meio da expansão das áreas localizadas no norte do Cazaquistão, conhecidas como Tselinas ou Terras Virgens.

O povoamento dos locais criou a então ideia de uma pátria imaginária para seus habitantes, uma vez que gerações futuras ainda se identificavam como russos, mesmo tendo nascido fora.

Esses indivíduos falavam, possuíam costumes e dividiam as características étnicas russas, identificando-se como tais, deixando a questão de nacionalidade de fora. Os grupos buscavam apoio no patriotismo étnico que a então URSS fornecia, pois determinavam-se como grupo social dominante, porém, tudo isso mudou na era pós-URSS, uma vez que a criação e introdução de uma identidade nacional de cada um dos países da Ásia Central rompeu com toda cultura, isso deve ser somado ao choque que do grupo social dominante russo perder seu status e viu as minorias étnicas, e suas respectivas culturas, ganhando tração frente às nações.

Boris Yeltsin, presidente russo de 1991 até 1999, anunciou que reconheceria as fronteiras e a soberania de cada uma das nações, reconhecendo, então, os indivíduos nascidos dentro daqueles territórios como não-russos (SENGUPTA, 2005).

A ocorrência dessa quebra cultural promoveu uma guinada nacionalistas nos países, tornando a maioria étnica russa em uma minoria, colocando-os em uma situação delicada. Tal situação promoveu a migração de retorno à Rússia, uma vez que somente 3 milhões de russos se mantiveram nos países centro-asiáticos, quando a soma dos habitantes durante o período soviético beira 10 milhões (PANFILOVE, 2014). Políticas em busca de prover dupla cidadania aos a esses indivíduos foram rejeitadas por alguns dos países da Ásia Central, como o Tajiquistão, a República Quirguiz e o Turcomenistão, esse se mantendo no acordo até 2003 (PEYROUSE 2008).

Essa emigração russa em massa (Figura 12) promoveu, portanto, uma diminuição da influência cultural e étnica, sendo tal fato somado ao crescimento da identidade nacional de cada um dos países centro-asiáticos. Os russos que permaneceram nas nações da Ásia Central se tornaram, então, uma minoria e passaram a sofrer pressão por parte dos nacionalistas daqueles países (SENGUPTA, 2005).

Essa diminuição no número de russos, juntamente como uma espécie de ostracismo defronte aos que permaneceram naqueles países, tornou sua influência mais direta escassa, porém ainda existente. Tais indivíduos geralmente ocupam posições na elite local de cada país (GÓRECKI, 2014).

Figura 12- Tabela de habitantes russos nos países da Ásia Central de 1959-2000

	1959	1970	1979	1989	1999–2000
Kazakhstan	3,974,000 (42.7%)	5,521,000 (42.4%)	5,991,000 (40.8%)	6,227,000 (37%)	4,479,000 (30%)
Kyrgyzstan	623,500 (30.2%)	856,000 (29.2%)	911,700 (25.9%)	916,500 (21.5%)	603,000 (12.5%)
Uzbekistan	1,100,000 (13.5%)	1,473,000 (12.5%)	1,665,000 (10.8%)	1,653,000 (8.3%)	Approx. 900,000 (3%)
Tajikistan	262,600 (13.3%)	344,000 (11.8%)	395,000 (10.4%)	388,500 (7.6%)	68,000 (1%)
Turkmenistan	262,700 (17.3%)	313,000 (14.5%)	349,000 (12.6%)	334,000 (9.5%)	Approx. 120,000 (2%)

Fonte: Wilson Center (2008)⁴⁰.

No entanto, é incorreto afirmar que a influência russa por meios culturais cessou por conta de tais ocorridos. A proximidade geográfica, bem como o comércio, entre a Rússia e esses países, propõe uma ocorrência básica da língua russa em diversos meios, sendo a mídia um dos mais relevantes. É notável, por exemplo, como o espaço midiático cazaque é predominado pela língua russa, isso também ocorrendo na República Quirguiz.

No Tajiquistão, por exemplo, diversos jornais ainda circulam usando tal língua como principal. Isso demonstra que o país mantém sua vantagem por conta da sua língua, apesar da entrada de diversos concorrentes e outros idiomas na região, principalmente o chinês (GÓRECKI, 2014).

Ainda que essa influência midiática exista, ela mostra-se fraca, pois como já demonstrado acima, a criação da identidade nacional de cada país, a busca pelos países centro-asiáticos em manter o russo como uma língua secundária, bem como o retorno às culturas individuais de cada nação, que ficam cada vez mais fortes a cada geração vindoura.

Deixa-se claro, portanto, que as políticas de influências russas, por meios culturais, já foram extremamente relevantes, porém, ao longo do tempo, caíram vertiginosamente por conta do retorno das características individuais de cada país na era pós-URSS, deixando uma fraca influência midiática e linguística naquela região, mas ainda existente.

⁴⁰ Disponível em:

<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/OP297_russian_minority_central_asia_peyrouse_2008.pdf>
Acesso em: 24 Out. 2019.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A Ásia Central, e, portanto, uma vasta área do Pivô Geográfico da História, vê-se em meio a um jogo de interesses por parte de diversos países, como os investimentos chineses referentes ao sistema “*One Belt One Road*”⁴¹, a base militar norte-americana e outras empresas internacionais que ali se estabeleceram. Os recursos daquela região, que variam, como já demonstrado, de gás natural até urânio, bem como sua localização estratégica são os principais fatores de atração.

Deve-se levar em conta, também, a localização geográfica estratégica daquela área, uma vez que esta pode propiciar uma entrada direta ao território do Oriente Médio e, acima de tudo, as defesas naturais, como o próprio Mackinder menciona em sua teoria, sendo estas representadas pelos desertos ao sul, a cordilheira de montanhas ao leste e as estepes gélidas ao norte, promovendo um difícil acesso à região. Um ponto que a Teoria do Heartland mostra defasagem, porém, é ante a evolução exponencial da tecnologia, que propiciaria facilidades no reconhecimento da área entre outras comodidades para os países que possuem interesse quanto a região centro-asiática, porém esta defasagem não muda os principais aspectos da teoria de Mackinder, onde o Heartland ainda se mantém como uma área com um abundante número de recursos e com uma geografia única, que promoveria dificuldade diante de possíveis invasores. Ambos os pontos se mantiveram sólidos conforme o passar dos anos, logo a premissa do Heartland também se mantém íntegra.

Ao analisar que os recursos da região ainda são abundantes e que os interesses por parte do meio internacional pela Ásia Central ainda continuam, pode-se concluir, portanto, que a Teoria do Heartland de Mackinder se mantém válida perante seu viés de caracterizar a Ásia Central como uma área de importância global.

É inegável que a Federação Russa possui uma vantagem diante outras nações que querem se inserir na Ásia Central, sendo isso possível por conta do seu contato geográfico, histórico, cultural e comercial. Ditas vantagens tornam o interesse russo perante a região ainda maior, visto que tais fatores comuns promoveriam uma maior facilidade ante o contato russo e dos países daquela região.

A interação russa para com a Ásia Central é, então, evidente, e seus meios de ação variam desde diálogos políticos, auxílio militar, contatos comerciais e formação de blocos regionais.

⁴¹ “Um Cinturão, Uma Estrada”. Tradução do autor.

Os interesses geopolíticos russos em relação à área também não podem ser descartados, uma vez que um maior controle por meio de influência sobre dutos de gás natural fornecidos para parte da Ásia e algumas partes do Leste Europeu, juntamente com a autoridade direta sobre uma porcentagem considerável de minas de urânio e de tantos outros recursos encontrados na Ásia Central, traria maior poder de controle russo das regiões que estão além do Heartland e se estendem para, praticamente, dois outros continentes, colocando, mais uma vez, a teoria de Mackinder como ainda válida sob a ótica das ações russas. Portanto, a posição russa em relação a região deve ser vista não só com um enfoque regional, onde a sua influência ficaria restrita somente em questões locais, mas sim como um avanço do intento russo frente à comunidade internacional como um todo.

A entrada russa naquela região, porém, também encontra entraves. Uma das maiores dificuldades que a Rússia encontra é a criação de uma identidade nacional de cada uma das cinco nações que compreendem a Ásia Central. Este problema se caracteriza na forma de uma busca nacionalista individual para cada país, uma vez que suas respectivas independências, em relação à URSS, se deram há menos de três décadas. Essa criação de uma identidade nacional e de um caráter mais individual para cada país trouxe um certo receio em relação à presença russa nos assuntos de cada nação. Soma-se a isso o fato do declínio no número de habitantes russos nos respectivos países da Ásia Central. Outro ponto que torna a inserção russa complexa é, como já discutido, a presença de outros países naquela região, sendo China e E.U.A. os principais atores que poderiam ameaçar a presença e a influência russa na área de forma direta, como já mencionado. A investida chinesa de reestabelecer uma rota comercial, análoga à antiga Rota da Seda⁴², tem o nome de “*One Belt One Road*” e busca se estabelecer contato com todos os países da Ásia Central e, para criar tal rota, forneceria investimentos diretos no que tange infraestrutura ao longo de seu caminho. Estendendo, desse modo, a influência chinesa sobre a região.

Os E.U.A., por sua vez, esteve presente militarmente através das bases de Manas e Qarshi, usando como pretexto a busca de manter a proximidade ante o Oriente Médio para poder agir mais efetivamente ante sua política de guerra ao terror, porém é inegável que tal presença também possuía força de influência no Heartland, pois, como já fora abordado, os países da Ásia Central têm uma infraestrutura precária no que tange à segurança. A saída dos E.U.A. da região diminuiu severamente sua influência direta naquela região, porém deve-se atribuir à essa saída a influência e pressão russa sobre a região.

⁴² IMOMNAZAR, Imomov. Impact of “One Belt, One Road” project to the economy of Central Asian countries.

Tais ações por parte de ambos países ajudam a reforçar a relevância geopolítica da região, enaltecendo a narrativa de Mackinder sobre a importância geográfica do Heartland.

A busca russa por liderança em relação à região também mostra um viés de indagação por influência local em diversos quesitos, de auxílio à defesa dos países da Ásia Central, como demonstrado no envolvimento direto russo ante o combate ao terrorismo, em 2002, e com o tratado de Tashkent. Outro meio que também define a figura russa é sua presença nos tratados e acordos comerciais, uma vez que, apesar de uma certa sobreposição de mercado, a Rússia compõe boa parte do mercado exportador dos países centro-asiáticos. A compleição russa em diversos tratados relacionados aos países da região também aumenta seu poder de influência ante aquela parte do Heartland, possibilitando, assim, a Rússia a ter um poder de persuasão e dissuasão frente aos países da Ásia Central, sendo o maior exemplo disso a pressão russa exercida sobre Almazbek Atambayev, presidente quirguiz eleito em 2011, referente à devolução americana da base de Manas.

Nota-se que as investidas russas diante da região demonstram, portanto, um caráter de contato direto em diversos níveis para com as nações da Ásia Central, desde questões históricas, culturais e étnicas até ponto de comércio, geopolítica e defesa regional. Esses pontos de contato permitem um acesso russo mais simples e fácil aos países centro-asiáticos, porém também trazem questões sobre as intenções russas para com aqueles países, ainda mais quando se leva em conta o fato de que a Rússia mantém uma posição de força global tanto quanto de força regional no continente da Eurásia, trazendo o questionamento de uma possível busca de dominância aos países da Ásia Central por parte da Federação Russa. Tal panorama, porém, deve ser visto com cautela, uma vez que uma ação de dominância por parte do governo russo poderia ser vista de forma abrupta e insalubre pelos olhos da então comunidade internacional como um todo, criando uma tensa situação que impactaria no cenário mundial. Deve ser lembrado, também, que o atual presidente do país, Vladimir Putin, disse que tem interesse em fomentar as relações com todos os países que fizeram parte da antiga URSS, não somente com a Ásia Central.

A presença russa na região é, portanto, crucial para ambos os lados, colocando interesses geopolíticos russos em manter em sua zona de influência o território completo do Heartland, o Pivô Geográfico da História, enquanto os países que ali residem deparam-se em necessidade em relação a diversos fatores, os quais são tratados diretamente com a Rússia. Por conta de tais pontos de interação o uso de dominância por meio do uso de poder de coerção se faz desnecessário e evitável, pois todos os pontos de necessidade por parte de ambos os países já

são tratados por outros vieses, que, por sua vez, não criam uma reação adversa frente a comunidade internacional e nem em tribulações desnecessárias ante a Rússia e aqueles países.

Resta então, com a questão de dominância por meio de coerção fora de questão, a busca russa por deter influência ante o Heartland, fazendo isso por meio de políticas, tratados e comércio. O interesse russo no mercado centro-asiático é demonstrado por seus tratados de comércio feito de modo individual com os países daquela região e, também, por meio da criação da Zona de Livre Comércio da Comunidade dos Estados Independentes, fomentando uma maior facilidade comercial para com os países daquela região.

O contato individual com um dos países daquela região se dá pelo meio da negociação mais específicas com cada um deles. Com o Cazaquistão, por exemplo, a Rússia busca mais parcerias que tendem ao aspecto de produção de energia e cooperação na área agrícola. O Quirguistão, por sua vez, possui acordos para a construção de gasodutos para abastecer o próprio país, sendo a empresa russa Gazprom seu maior parceiro. O Turcomenistão fornece à Rússia desde produtos têxteis até produtos químicos, em contrapartida a Rússia fornece produtos mais elaborados, como automóveis e maquinarias mais pesadas. A relação entre Tajiquistão e Rússia também possui um viés positivo para a influência russa, uma vez que a Rússia tem se tornado o principal país com que o governo tadjique faz trocas mútuas. O Uzbequistão, apesar de possuir um caráter não tão próximo ante o governo russo quanto os outros países da região, assinou um acordo para implementar contratos de comércio, de três bilhões de dólares, e de investimento (GUSEV. 2019). Isso demonstra que a Rússia, apesar de usar da UEE como um meio de influência, também age de forma mais individual para com os países daquela região, trabalhando dessa forma para também salientar sua influência.

A busca por proteção da região também é vista no auxílio russo em manter as antigas bases soviéticas e na ajuda prestada por parte da Rússia para defender os países da Ásia Central, sendo a intervenção russa na Guerra Civil tadjique de 1992 e em 2002, quando o governo russo enviou soldados ao Quirguistão para auxiliar no combate ao terrorismo. Um dos exemplos da influência militar exercida pela Rússia se dá pelo Tratado de Segurança Coletiva, atualmente conhecido como Organização do Tratado de Segurança Coletiva⁴³, que teria como ideal buscar cooperação militar entre países da Ásia Central, Rússia e outros países próximos. Tal organização promove integração regional por meio da ideia de defesa conjunta de seus membros, visando a criação de uma força militar própria utilizando as tropas de seus respectivos membros, porém, como já discutido, a força militar russa é predominante na região, sendo

⁴³ *Collective Security Treaty Organization* [Tradução do autor]

predominante também no regimento deste tratado. A presença militar russa se dá em todos os países da Ásia Central, com uma capacidade de mais de oito mil soldados contando somente com as bases russas em Kant, Quirguistão, e do 201º pelotão terrestre, posicionado no Tajiquistão. Tal posição, portanto, permite um maior poder de influência russo na região (DUBNOV, 2018). A presença russa na Comunidade dos Estados Independentes também é relevante, uma vez que a Rússia ainda detém muita força política naquela instituição, facilitando a promoção de interesses comerciais e políticos russos ante os outros países participantes, buscando vetar e promover políticas para fomentar seus próprios interesses.

Do ponto de vista histórico, a Ásia Central esteve sob domínio do Império Russo, da URSS e, posteriormente, sob a influência direta da Federação Russa por séculos, cimentando um contato direto entre os países envolvidos. A criação de uma cultura juntamente com o senso de unidade histórica entre a Rússia e a Ásia Central foi, portanto, inevitável. Tal contato também é um instrumento de influência, uma vez que o uso da língua russa ainda é extremamente proeminente ante os países daquela região. Os maiores exemplos disso são o Cazaquistão e o Quirguistão, que possuem russo como a língua dominante em seu meio de notícias e informações. Os outros países também possuem, ainda que em menor grau, meios de informação que usam da língua russa para se expressar (GÓRECKI, 2014). Juntamente com o fator linguístico vem o fator cultural, que também possui nuances de influência russa para com as nações da Ásia Central, por meio de músicas, programas de televisão e rádio e outros meios de entretenimento, de modo a propagar ainda mais a cultura russa para dentro daqueles países. Esse contato secular dispõe, juntamente com a criação desse inevitável vínculo linguístico e cultural, o interesse russo em manter aqueles países sob sua zona de influência.

A teoria de Mackinder ajudou a salientar mais ainda a importância daquela região ante o mundo, tornando mais claro o papel da Ásia Central para a comunidade internacional, deixando claro que os recursos ali presentes e sua geografia única e propícia para defesa da região. Tais pontos até hoje persistem no interesse de diversas nações, presentes ou não no continente, demonstrando que a teoria proposta por Mackinder ainda se mantém atual.

A Rússia, portanto, também possui interesse em manter a tão valiosa região sob sua zona de influência, deixando claro que a Teoria do Heartland também ajuda a pautar as ações e interações russas para com a Ásia Central, uma vez que, juntamente com a influência sobre a região, a Rússia teria controle sobre os gasodutos que abastecem tanto o Leste Europeu quanto parte da Ásia, acesso a reservas de minerais de alto impacto no quesito mundial, como ouro e urânio, deteria controle sobre uma das principais vias de acesso ao Oriente Médio, maior controle sobre o Mar Cáspio, tudo isso sendo amalgamado à força que a Rússia já possui.

6. CONCLUSÃO

Após a análise do que é a *Teoria do Heartland* proposta por John Halford Mackinder, das nuances geográficas, históricas e culturais da região conhecida como Ásia Central e das ações e relações da Rússia ante os países centro-asiáticos, podemos concluir que, apesar de não buscar um domínio total da região, é inegável que a atuação russa na região centro-asiática segue em consonância com a teoria de Mackinder em relação a notabilidade da região, uma vez que ambas ainda consideram a Ásia Central como um fator de importância primordial.

As ações russas buscam manter sua hegemonia em relação aos países daquela região, por meios comerciais, na participação de tratados de comércio, como a zona de livre comércio ali criada, auxílio em questões de defesa, como o treinamento de tropas e uso de destacamentos militares russos para resolução de problemas internos dos países centro-asiáticos, como em 2002 no Quirguistão e em 1992 no Tajiquistão. Tais ações demonstram o interesse russo em manter aquela parte do Heartland diretamente sob a influência russa e não um domínio propriamente dito, respeitando, desse modo, a soberania e a independência dos países da Ásia Central.

Os tratados, acordos e instituições, como a CIS e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, se tornam meios de ação dos interesses russos, uma vez que a Rússia possui maior presença em todos os aspectos em relação aos países da Ásia Central. Essa disparidade de forças em meio às instituições, juntamente com a questão cultural e histórica, promove maior facilidade para que a Rússia se mantenha como maior influência sobre a região, conseguindo deter a entrada de outras nações que também possuem potência de alcance global, deixando claro que o viés russo ante a região se mantém forte. Um dos maiores exemplos dessa disparidade de força foi a criação e o encerramento repentino da “Nova Zona do Rublo”, promovida pela Rússia e que atingiu todos os países membros da CIS.

Deve ser notado, também, que a interação russa também se dá por meio de termos bilaterais, colocando o fator mais individual daqueles países em voga. Tal ponto geralmente se dá por meio de acordos comerciais individuais e de caráter mercantil, pacotes de investimento visando fomentar a economia entre aqueles países e a Federação Russa, treinamento militar e auxílio na defesa da soberania, onde a Rússia detém bases, por conta do Tratado de Segurança Coletiva, militares em conjunto às outras nações naqueles países.

Todos esses pontos demonstram as características práticas das políticas russas que buscam ter contato individual com os países que compõem a Ásia Central. O governo russo pode, desse modo, tratar de assuntos de ordem individuais com aqueles países, facilitando a

promoção de influência ante aquelas nações por meio de características que podem não ser tratadas quando se negocia por meio de instituições ou tratados que envolvem mais membros.

Um dos maiores exemplos disso seriam os tratados bilaterais comerciais, que procuram estabelecer o mercado russo como principal parceiro comercial para os países centro-asiático. Apesar de existirem pontos em que há uma sobreposição entre certos produtos, a interação entre mercantil entre Rússia e os países daquela região é intensa, porém é notável que o fornecimento de produtos industrializados geralmente parte da Rússia e o fornecimento de produtos primários parte dos países da Ásia Central. Tal dinâmica, por sua vez, também promove um aumento da influência russa sobre aqueles países, pois promove, de certo modo, uma dependência de produtos industrializados por parte da Ásia Central.

Investimentos diretos e indiretos por parte da Rússia também são uma realidade naquela região, uma vez que a busca por fomentar o crescimento daqueles países também é, segundo o então presidente Vladimir Vladimirovich Putin, um interesse russo. Tais investimentos podem ser feitos por meio de parcerias entre empresas russas e empresas ou governos da Ásia Central, de modo a buscar a promoção de interesses mútuos, ou podem ser feitos em termos de injeção de capital russo para o crescimento individual de cada país, sem a participação de empresas russas no processo. Tais pontos também demonstram que a investida russa também se dá por meio de capital direto e indireto. Um dos exemplos disso é o investimento direto russo no Cazaquistão, que contabiliza cerca de 3.5 bilhões de dólares e cerca de 6000 empreendimentos russos só naquele país. Outro exemplo seria o Tajiquistão, tendo na Rússia seu maior investidor em termos de investimento direto acumulado, totalizando 688 milhões de dólares e 848 empresas tadjiques em joint-venture com empresas russas.

A questão midiática deve ser colocada, também, num degrau da cadeia de influência russa, apesar de não tão forte quanto aos outros meios já mencionados, uma vez que vários meios midiáticos russos ainda estão presentes nos países da Ásia Central, buscando transmitir informações por meios que corroborem com o viés russo, porém deve ser notado que tais meios não são tão efetivos atualmente por conta da criação de uma identidade nacional em cada um dos países da região. Isso também é válido em relação à presença da Igreja Ortodoxa, que por sua vez perdeu força local por conta do crescimento exponencial do islamismo na região.

O ponto cultural mais resistente, por sua vez, é o uso da língua e de certos pontos culturais que a região manteve desde sua anexação ao Império Russo, uma vez que ela se mantém por conta da praticidade e do enraizamento que perdurou por mais de um século. Essa influência se estende para indivíduos de diversas gerações e são mantidas por seu aspecto tradicional, desse modo mantendo uma relação direta com a cultura do povo russo, dando maior

facilidade de reconhecimento do indivíduo que reside na Ásia Central em relação à Rússia. Esse ponto, então, é usado pela Rússia para buscar meio infiltração ante o cidadão que reside nos países da Ásia Central, buscando disseminar livros, temas folclóricos e afins.

Toda essa busca por influência e a teoria de Mackinder se mostram, portanto, consonantes, uma vez que também é de interesse da Rússia manter sua influência sobre a vasta gama de recursos que se mantêm disponíveis na Ásia Central e dos acessos geográficos que região ofereceria. O poder sobre os recursos permitiria à Rússia um maior controle sobre diversos outros países, no caso do gás natural, do ouro e do urânio, por exemplo.

A questão geográfica também se coloca como interesse direto russo, uma vez que aquela região proveria acesso russo ao Oriente Médio. Este acesso proveria à Rússia contato direto ao Oriente Médio, estendendo diretamente a zona de influência russa sobre a região por meio das rotas da Ásia Central, possibilitando, desse modo, uma maior facilidade, para a Rússia, em buscar determinados objetivos e interesses num escopo regional e mundial.

Portanto, as ações da Federação Russa para com a Ásia Central estão em concordância ante a Teoria de John Halford Mackinder, uma vez que a Rússia prioriza manter sua hegemonia de influência local usando de diversos meios e formas para manter e fomentar suas relações com os países da Ásia Central, usando de questões culturais até auxílio militar para prontificar sua busca de se manter o ator mais relevante ante aquela região do Heartland.

7. REFERÊNCIAS

ABAZOV, Rafis. **The Palgrave concise historical atlas of central Asia**. Palgrave Macmillan: Nova Iorque, 2008.

AKINER, Shirin. **Kyrgyzstan 2010: Conflict and Context. Central Asia – Caucasus Institute. Silk Road Studies Program**, 2016. Disponível em: <http://silkroadstudies.org/resources/2016-Akiner-Kyrgyzstan_2010-Conflict-Context.pdf> Acesso em 9 nov. 2019.

Asian Development Bank. **Central Asia Map of Natural Resources**. 2010. Disponível em: <<https://www.adb.org/publications/central-asia-atlas-natural-resources>> Acesso em 13 set. 2019

BBC, News. **Holidays in the Danger Zone: Meet the Stans**, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rl8zQw1m7zc> Acesso em: 14 out. 2019.

BEEHNER, Lionel. **ASIA: U.S. Military Bases in Central Asia**. Council on Foreign Relations. 2005. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/asia-us-military-bases-central-asia>> Acesso em: 19 out. 2019.

BEEHNER, Lionel. **Documenting Andijan. Council on Foreign Relations**. 2006. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/documenting-andijan#6>> Acesso em: 9 nov. 2019.

BIN, Hu. **Oil and gas cooperation between China and Central Asia in an environment of political and resource competition**. College of Petroleum Engineering. 2014. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s12182-014-0377-7>> Acesso em: 14 out. 2019.

DUBNOV, Arkady. **Reflecting on a Quarter Century of Russia's Relation With Central Asia**. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/2018/04/19/reflecting-on-quarter-century-of-russia-s-relations-with-central-asia-pub-76117>> Acesso em 5 nov. 2019.

COHEN, Saul Bernard. **Geopolitics of the World System**. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, p. 63 2003.

DUGIN, Alexander. **Halford Mackinder: The Geographical Pivot of History**. 17 de julho de 2019. Disponível em: <<https://www.geopolitica.ru/en/article/halford-mackinder-geographical-pivot-history>> Acesso em 5 nov. 2019.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo. 2008.

_____. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo. 2002.

GÓRECKI, Wojciech. **Ever Further From Moscow: Russia's Stance on Central Asia**. 2014. Disponível em: <https://www.osw.waw.pl/sites/default/files/prace_48_ever_further_from_moscow_net.pdf> Acesso em: 13 nov. 2019.

GORENBURG, Dmitry. **External Support for Central Asian Military and Security Forces**, SIPRI/Open Society Foundation working paper, 2014. Disponível em: <<https://www.sipri.org/sites/default/files/SIPRI-OSFno1WP.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2019.

GUSEV, Leonid. **The Importance of Central Asia for Russia's Foreign Policy**. 2019. Disponível em: <<https://www.ispionline.it/en/publicazione/importance-central-asia-russias-foreign-policy-24071>> Acesso em 5 nov. 2019.

HANKS, Reuel R., **Global Security Watch: Central Ásia**. 2010. Disponível em: <<http://formservices.sk/global-security-watchcentral-asia-hanks-reuel.pdf>> Acesso em: 13 out. 2019.

IMOMNAZAR, Imomov. **Impact of "One Belt, One Road" project to the economy of Central Asian countries**. Graduate School of International Development and Cooperation Hiroshima University, 2017. Disponível em: <http://www.abrnr.org/myfile/conference_proceedings/Con_Pro_89747/2018icbedcp67.pdf> Acesso em: 28 set. 2019.

LITVINSKY, B. et al. **History of civilizations of Central Asia, v. 3: The Crossroads of civilizations, A.D. 250 to 750**. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000104612>>. Acesso em: 19 ago. 2019

MACKINDER, Halford. J., **O Pivô Geográfico da história**. The Geographical Society, Vol. 23, n. 4, 421-437. 1904.

_____. **Democratic Ideals and reality**. 1962.

MELLO, L. I. A. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: Edusp; Hucitec, 1999.

MITE, Valentinas. **CIS: Turkmenistan Reduces Ties To 'Associate Member**. 2005. Disponível em: <<https://www.rferl.org/a/1061002.html>> Acesso em: 23 set. 2019.

OCHILDIEV, David; PINKHASOV, Robert; KALONTAROV, Iosif. **A History and Culture of the Bukharian Jews**. New York: Club Roshnoyi-Light, 2007.

OLCOTT, Martha B., **Religion and Security in Central Asia: Recommendations for the Next U.S. Administration**. 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15570274.2016.1184450>> Acesso em: 11 out. 2019.

PANFILOVA, Victoria. **Russian Exodus Continues from Central Asia. Russia Beyond**. 2014. Disponível em: <https://www.rbth.com/world/2014/08/25/russian_exodus_continues_from_central_asia_37791> Acesso em: 26 set. 2019.

PEYROUSE, Sebastien. **The Russian Minority in Central Asia: Migration, Politics, and Language**. Woodrow Wilson International Center for Scholars. 2008. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/OP297_russian_minority_central_asia_peyrouse_2008.pdf> Acesso em: 27 set. 2019.

PHILLIPSON, Robert. **Realities and Myths of Linguistic Imperialism**, *Journal of Multilingual and Multicultural Development*. 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01434639708666317>> Acesso em: 27 set. 2019.

PILLALAMARRI, Akhilesh. **The United States Just Closed its Last Base in Central Asia**. *The Diplomat*. 2014. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2014/06/the-united-states-just-closed-its-last-base-in-central-asia/>> Acesso em: 13 set. 2019.

RACHKOSVSKAYA E.I. **Kazakhstan semi-deserts and melkosopchnik Vegetation Map of Kazakhstan and Middle Asia**. Komarov Botanic Institute, Russian Academy of Sciences, Saint Petersburg, 1995.

SAMRUK-ZANYA. **Russia and Central Asia Economic Outlook 2017**. Research and Knowledge Center, 2017. Disponível em: <<https://www.sk.kz/upload/iblock/3f1/3f1592d29fdb226ae9befe603eb4385.pdf>> Acesso em: 26 out. 2019.

SENGUPTA, Anita. **Russia, China and Multilateralism in Central Asia**. Shipra Publications, 2005.

SINITSINA, Irina. **Economic Cooperation Between Russia and Central Asian Countries: Trends and Outlook**. IN: *Trade Between Russia and CA Countries*. 2012. Disponível em: <<https://www.ucentralasia.org/Content/Downloads/UCA-IPPA-WP5-RussiaInfluence-Eng.pdf>> Acesso em: 23 Out. 2019. p. 12.

YURT, **National Geographic's Encyclopedia**. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.org/encyclopedia/yurt/>> Acesso em: 10 set. 2019.